



**o mocho**

*Caminhando se faz caminho*



# O Mocho: Caminhando se faz caminho!

## Organizadores

Luís Valente (coordenador)

Ana Isabel Magalhães

Cândida Silveira

Cláudia Santos

Lurdes Ferreira

Manuela Sousa

## Capa

Cláudia Santos

## Composição

Luís Valente

## Edição

Agrupamento Dr. Leonardo Coimbra, Lixa

ISBN 978-989-96630-1-5

Junho, 2010

Impressão: Gráfica da Lixa



## Índice

- A** auto-avaliação do Agrupamento 89  
A criança e a alimentação 59  
A história de um menino especial 49  
A importância da escola: A necessidade da emergência do/a professor/a 15  
A importância do jardim-de-infância na vida das crianças 33  
A minha irmã 52  
A Natureza 55  
Ao Idoso (a beleza dos cabelos brancos) 50  
“A Terra” 43
- B**iblioteca Escolar: uma aposta no sucesso educativo 17
- C**arnaval... e Alimentação Saudável! Que ligação? 63  
Clube de Artes 77  
“Cogumelos Mágicos” e perigosos! 73  
Curso on-line “Pequenos Artistas” 67
- E**ducação Especial: objectivo e público-alvo 47  
Eu quero ser... 31
- F**ormação para a Leitura e as Literacias 23  
Fumar, não! 57
- I**ntrodução dos bordados na Escola 78
- L**er ou não ler? 53
- M**amã... eu sei reciclar e tu?! 45  
Maria Castanha 69
- N**ota de abertura 5  
Nota final 97

- O** Ambiente que precisamos aprender a cuidar 37
- O Carnaval 61
- O Centro Escolar da Lixa é amigo do Ambiente 35
- O Mocho, vicissitudes de um percurso de mudança 7
- Os frutos 65
- Os instrumentos famosos 85
- Os Pigmeus: Adaptação ao Meio 71
- Os Pigmeus: Características físico-biológicas e culturais 70
- P**inturas famosas sobre tela 81
- Poesia 56
- Q**ue estrada? 58
- Quem fez “O Mocho”? 98
- R**elevos de bronze e gesso pintado da U.SOL 83
- Retratos e auto-retratos 80
- S**imSafety: jovens aprendem comportamentos seguros na Web, em espaço virtual 95
- T**écnicas découpage: técnica do craquelé em vidro e madeira 88
- Tecnologia e Sociedade 9
- U**ma perspectiva sobre o PAR 93
- Uma saída ao meio com meninos/as de palmo e meio 41
- Um Menino Especial 51

## Nota de abertura

*Manuel Magalhães, sub-director do Agrupamento Dr. Leonardo Coimbra, Lixa*

### **Queremos para os nossos Alunos aquilo que os Pais querem para os seus Filhos**

A educação como um todo inicia-se com o nascimento. A educação escolar começa algum tempo depois.

Os pais, como primeiros e naturais educadores, devem ter um papel activo no êxito escolar dos seus filhos. No entanto, é conveniente referir que não basta apenas querer, desejar que os bons resultados surjam, pois tudo depende da vontade e motivação de quem estuda. Mas a vontade e a motivação nem sempre se conjugam. Não será por muito pressionar o estudante que este se aplicará mais. O melhor será convencê-lo a confiar nele próprio, mentalizando-o que vai ser capaz de melhorar, aumentando, deste modo a sua segurança e o seu ânimo. Devemos aplaudir o esforço, comemorar o êxito e a ultrapassagem de metas como vitórias que são.

Educar para a responsabilidade é educar para ser feliz. Queremos para os nossos alunos aquilo que os pais querem para os seus filhos – que assumam a responsabilidade dos seus actos e decisões como necessidade para se sentirem livres construtores dos seus futuros, optar por um ideal que seja caminho de felicidade e para a felicidade.

O sistema escolar deve assentar no diálogo entre educandos e educadores pois este desperta a atitude crítica, base da liberdade.

Este ano lectivo está a chegar ao fim. TODOS (pais, professores, alunos, funcionários, autarquia e demais elementos da comunidade educativa) nos devemos sentir satisfeitos pelo trabalho realizado. Tudo foi feito no sentido de tornar a escola mais útil, mais humana, mais bonita, mais solidária, mais

fraterna e mais agradável, tentando, através de um diálogo franco e aberto ir ao encontro daqueles que são o centro dos nossos esforços – os nossos alunos.

Parabéns a TODOS aqueles que, apesar de atentos à realidade do tempo actual (tempo de crise e de incertezas) não tiram os olhos do futuro, respirando a esperança de que este será certamente melhor do que o presente.

Conscientes da missão difícil, mas gratificante e nobre, que lhe é entregue, a escola, através dos seus agentes educativos, dará a mão a TODOS os seus alunos, caminhará a par com eles, vê-los-á crescer e crescerá com eles.

É URGENTE VOLTAR A ACREDITAR NOS JOVENS, NA ESCOLA E NA EDUCAÇÃO.

6



*Pintura mural executada por alunos no ano lectivo de 1996/97, existente no edifício-sede do Agrupamento Dr. Leonardo Coimbra.*

## O Mocho, vicissitudes de um percurso de mudança

*Luís Valente, coordenador do Jornal Escolar “O Mocho”*

**M**udar, deve ser das palavras mais frequentes do nosso vocabulário. Quando algo não está como queremos, dizemos que é preciso mudar, e quando está aceitável, queremos mudar para melhor. Mas, muitas vezes, as mudanças levam a que tudo fique na mesma. Descobrir porquê, é um desafio gigantesco que nem sempre estamos dispostos a aceitar. Contudo, no caso do noss’O Mocho, as mudanças têm vindo a ser interiorizadas. Lentamente, é certo, mas vão-se enraizando. Ainda que não tenhamos atingido um patamar satisfatório de envolvimento da comunidade escolar, reconhecemos que há um envolvimento diferente. N’O Mocho actual, conseguimos a colaboração de diversos actores sociais da Escola, primordial objectivo que continua a ser central na nossa estratégia de construção colectiva de uma cultura escolar.

Não daremos trégua à luta pela interiorização geral de que um Jornal Escolar ou uma Revista, como é o caso desta publicação, não pertence a um grupo, mas sim a todos, porque fala de um todo, ainda que pelas palavras de uns poucos. Creio que não faria sentido que uma equipa reduzida fosse única autora de publicações que pretendem reflectir a vida de uma comunidade. O modelo de participação que defendemos não se coaduna com a representação de participantes, por ser um modelo bastardo e sem efeitos de mudança, mas pela participação efectiva, responsável e desinibida.

Participar num empreendimento colectivo não pode confundir-se com um acto de afirmação sobranceira, nem de manifestação egocêntrica ou de exibição intelecto-cultural, que se manifesta pouco saudável. É necessário que se encare o sucesso e o insucesso de um projecto de Escola como o resultado da colaboração e da responsabilidade de todos, sem o que não será possível passar para um nível mais eloquente. A Escola,

como edifício no qual cada um tem uma função específica, imprescindível, só pode ser melhor se deixarmos de pensar que o nosso *tijolo* é mais importante que o *tijolo* do colega do lado, de cima ou de baixo. É esse pequeno pormenor, o da repartição equalitária e solidária de visões, de deveres, de responsabilidades e de angústias, que quase sempre nos impede de avançar...

Ao propor um Jornal Escolar em linha, em 2008, a equipa responsável pel'O Mocho pretendia dar aos alunos e respectivos professores e educadores a capacidade e a iniciativa de publicar as suas notícias, as suas opiniões, as suas produções e as suas aprendizagens, porque, ao envolver os alunos, os professores, os pais e os outros elementos da comunidade, poderíamos permitir explorar potencialidades e aprofundar competências transversais que todos têm. Mas esse objectivo tem demorado demasiado tempo a ser conseguido, talvez aliado ao facto de a equipa coordenadora contar maioritariamente com voluntários. No entanto, estou convicto de que a razão principal se funda na nossa cultura de escola, construída sobre pequenos *feudos* onde cada um se sente *Senhor* e cultiva esse *Senhorio*. Senão atente-se: falámos muito em trabalho de equipa mas raramente assumimos o compromisso da equipa e quase sempre optamos por pôr o “treinador” a *jogar*.

Esta edição pode não iludir a compartimentação de tarefas e de responsabilidades contra a qual temos lutado, mas constitui mais uma investida na mudança do *status quo* da vida escolar do Agrupamento Dr. Leonardo Coimbra. Fazendo jus aos ideais de pedagogia do nosso patrono, cá estaremos, procurando não “ser aquele sinistro [educador] fantasma do nosso medo infantil” (Coimbra, 1983, p. 612), mas O Mocho atento, sábio, humilde e perseverante que um dia alcançará os seus objectivos e mostrará que os Homens vivos vencem sempre os Homens mortos.

#### Referências

Coimbra, L. (1983). A Questão Universitária. *Obras de Leonardo Coimbra* (Vol. I). Porto: Lello & Irmão Editores.

## Tecnologia e Sociedade

*Manuela Sousa, professora*

A preocupação dos professores com a integração da tecnologia na educação já não é recente, remonta aos anos 50-60, embora a sua utilização na Escola tivesse essencialmente a função de apoiar o professor na sua tarefa de ensinar ou seja de transmitir conteúdos escolares. Durante décadas, a rádio, a televisão, o cinema, a projecção de transparências ou de vídeo, designados como meios audiovisuais, foram um excelente recurso educativo, com a função de tornar mais concretas as ideias e conceitos abstractos que o professor tinha que ensinar.

Na última década do século XX, começaram a diversificar-se experiências educativas centradas no uso do computador. Contudo, estávamos bem longe de antever a realidade actual.

Um computador para cada aluno era uma miragem, mas os computadores estão aí, em todos os lares portugueses, deixando à escola a responsabilidade de responder a esse grande desafio.

Frequentemente assistimos a manifestações de entusiasmo por parte de uns e contestação por parte de outros. No entanto, o que importa é reflectir sobre como poderá a Escola tirar partido deste recurso.

A problemática do uso da tecnologia tem sido marcada por duas posições antagónicas: os acérrimos defensores da tecnologia, que vêem na sua utilização a inevitabilidade e apenas benefícios e aqueles que manifestam uma visão negativamente crítica, acentuado pessimismo ou até plena rejeição, utilizando argumentos que se encontram historicamente em todas as “revoluções” tecnológicas. Estas duas posições extremadas, revelam, pelo menos, alguma falta de reflexão sobre os espec-

tos positivos e negativos que qualquer tecnologia apresenta.

Observando que a tecnologia tem um predomínio cada vez mais acentuado na sociedade dos nossos dias, não podemos negligenciar os benefícios educativos e, por extrapolação, sociais daí resultantes. Não pretendemos defender uma posição tecnocentrista, encarar a tecnologia como um destino ou uma fatalidade, antes defender que deveremos assumir uma posição crítica em relação ao uso da tecnologia, usá-la sempre e apenas quando evidencie potencialidades ou efeitos motivadores. Como defende Rogério Pinto (2007), a tecnologia só adquire sentido e utilidade quando se relaciona com outros elementos curriculares.

Urge repensar a relação entre tecnologia e educação, encarando a tecnologia como um fenómeno formativo no mundo actual que impõe aos investigadores da Educação a necessidade iminente de reflectir sobre os seus efeitos e suas possibilidades, citando mesmo a necessidade de um “questionamento da tecnologia”. (Feenberg, 2001)

Frequentemente, ouvimos profissionais da educação referirem a utilização do computador como limitadora das actividades livres das crianças, do contacto com a Natureza e das relações sociais, apontando apenas perigos no uso da Internet, atribuindo-lhe responsabilidades pelo baixo rendimento escolar e não analisam outros aspectos como a motivação, a redução de determinadas barreiras, etc.

À afirmação da neurobiologia de que em numerosos casos resultaram danos psicológicos e orgânicos derivados do consumo de meios electrónicos na primeira fase da infância, falta suporte credível e divulgado, podendo mesmo contrapor-se outros estudos que mostram o contrário. Por exemplo, desde os anos sessenta que Seymour Papert tem mostrado com a sua investigação que os computadores são muito úteis na aprendizagem, inclusive de conceitos avançados. Em 2006, Steven Johnson, analisando os efeitos dos jogos electrónicos e do vídeo, concluía desafiadoramente que “tudo o que é mau

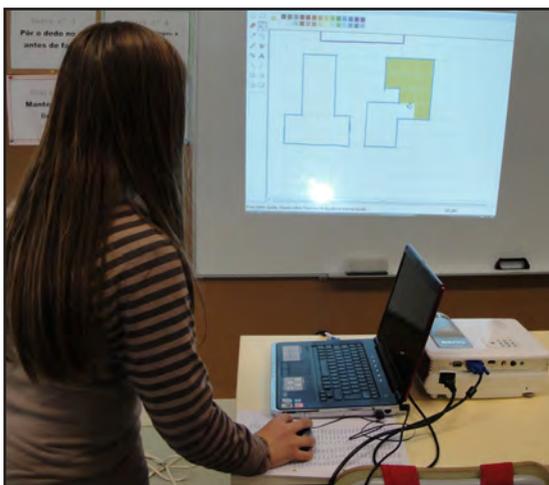
faz bem”, demonstrando que os jovens americanos que consumiam avidamente meios electrónicos tinham melhores desempenhos intelectuais que os outros.

Um computador permanentemente à disposição das crianças poderá constituir um obstáculo e um factor de distração para a aprendizagem tanto quanto outro qualquer recurso ou meio. Em idade de aprender os jovens são exploradores natos e essa tendência para a descoberta é até salutar e encorajada por investigadores da psicologia cognitiva e da pedagogia.

Entretanto, a corrente tecnocrata argumenta que saber manipular desde cedo um computador é algo que promove habilidades comunicativas fundamentais para o futuro, aumentando as possibilidades de sucesso profissional na vida adulta. Esta convicção leva muitos pais a instalar computadores em casa e a matricular os seus filhos em cursos ministrados em diversas instituições para que não estejam atrasados em relação a amigos ou familiares e fiquem devidamente preparados para a vida académica e profissional que os espera.

Vivemos neste confronto de ideias e conflitos relativamente à influência da tecnologia na aprendizagem, no século XXI, mas a sociedade em nosso redor já se encarregou de nos dar sinais de que este é um comboio em andamento, que ou estamos nele ou não o apanhamos com facilidade.

Diante de factos, a Sociedade de Informação, como agora se denomina a Sociedade milenar, deveria prestar mais atenção



*Aluna do 4.º ano, Centro Escolar da Lixa, utilizando o computador e o projector multimédia para apresentar o seu trabalho*



*Alunos do Centro Escolar da Lixa, usando o computador Magalhães*

12

Ala deve sofrer uma alteração, a tecnologia não deve ser usada como professor mas sim como parceira no processo educativo, como ferramenta cognitiva, possibilitando ao aluno uma participação activa na construção do seu próprio conhecimento.

As novas teorias construtivistas da aprendizagem, preocupam-se com o modo como os alunos aprendem, ou seja, como constroem o conhecimento sobre o que eles já sabem, integrando as experiências que tiveram e preocupando-se com a forma como organizam essas experiências em conhecimento.

É urgente uma consciencialização sobre a necessidade de integração das tecnologias na escola. Com todas as tecnologias que têm ao seu alcance, os jovens adquirem inúmeros conhecimentos fora da escola e damos conta que começam a sentir a escola pouco atractiva e antiquada.

Este novo modelo de sociedade, que vive do poder da informação, poderá ser responsável por grandes assimetrias sociais, se considerarmos o seu grau de exigência. Se até algum tempo atrás, saber ler e escrever e efectuar cálculos matemáticos simples, era o suficiente para se viver em harmonia e bem-estar na sociedade, todos damos conta, que este cenário mudou.

às revoluções tecnológicas do passado, como a revolução de Guttenberg ou a revolução industrial, e perceber que mais do que lutar contra deve procurar aproveitar a tecnologia para crescer e melhorar.

Jonassen (2007) refere que a forma como utilizamos as tecnologias na escola

A sociedade exige, cada vez mais, cidadãos com uma formação ampla, com um espírito empreendedor e criativo, com grande capacidade de resolução de problemas, capazes de gerir a informação, possuidores de uma atitude flexível, inovadores, criativos, capazes de se formar ao longo da vida, de acordo com as suas necessidades.

Actualmente já sentimos que as Tecnologias fazem parte integrante da nossa vida privada e profissional. A utilização do computador pessoal e da Internet, facilitaram em larga escala a vida do cidadão, embora também tenham contribuído para a criação de maiores assimetrias sociais. É importante que a escola acompanhe a evolução tecnológica e sinta que tem nas suas mãos o desafio de combater a info-exclusão, preparando os cidadãos para uma boa utilização das novas tecnologias.

Não parece suficiente ser-se capaz de manusear correctamente as tecnologias, é necessário desenvolver as competências necessárias para compreender este novo modelo de sociedade e aprender a lidar com esta nova realidade.

“A sociedade do conhecimento em que vivemos só pode desenvolver-se através do forte reforço da capacidade humana promovendo a excelência na educação (...) e apostando na aprendizagem ao longo da vida como novo paradigma educativo, (...)” (Conselho Nacional de Educação, 2002, p. 25). A sociedade do conhecimento revela-se cada vez mais exigente e quem não se preparar ficará excluído. Não é difícil constatar-mos que a Escola também tem uma tarefa cada vez mais exigente e que necessita de mudar e de evoluir de forma a dar respostas às necessidades da sociedade actual. “O uso das TIC pelos professores é, de acordo com a literatura e os exemplos de boas práticas, um factor estimulante para a inovação curricular.” (Peralta & Costa, 2007, p. 80)

Como afirma Prensky, (2001) os nossos alunos são “nativos digitais” que não “sobrevivem” sem utilizar diariamente os telemóveis, os computadores, as câmaras de vídeo... Se as novas tecnologias estão aí, ao alcance de todos, e todos as utilizam

no seu quotidiano, a Escola não pode ficar indiferente. Os professores, “imigrantes digitais” (Prensky, 2001) têm que encontrar meios cada vez mais eficazes para que os alunos se interessem pelos conteúdos curriculares, necessitando de analisar e reflectir sobre as suas práticas e alterar as metodologias e as estratégias de ensino.

Acreditamos que as crianças de hoje são atraídas pelas novas tecnologias de uma forma quase impulsiva, mas essa “característica” nem sempre é aproveitada pela escola para integrar novas aprendizagens. É necessário que os professores usem as tecnologias com os alunos, como nova forma para tratar e apresentar a informação, para apoiar os alunos a construir conhecimento significativo, para desenvolver projectos, integrando criativamente (e não acrescentando) as novas tecnologias no currículo. (Miranda, 2007, p. 44)

#### Referências

- Conselho Nacional de Educação (2002). Pareceres e Recomendações 2001. Lisboa: Ministério da Educação
- Feenberg, Andrew. Questioning Technology. 3. ed. London and New York: Routledge
- Johnson, S. (2006). Tudo o Que é Mau Faz Bem. Lisboa: Lua de Papel
- Jonassen, D. (2007). Computadores, Ferramentas Cognitivas: Desenvolver o pensamento crítico nas escolas. Porto: Porto Editora
- Miranda, G. L. (2007). Limites e possibilidades das TIC na educação. *Sísifo*, 3(Mai/Ago 07), 41-50. Obtido em <http://sisifo.fpce.ul.pt/?r=11&p=41>
- Papert, S. (1996). A Família em Rede. Lisboa: Relógio de Água
- Peralta, H., & Costa, F. A. (2007). Competência e confiança dos professores no uso das TIC. Síntese de um estudo internacional. *Sísifo*, 3(Mai/Ago 07), 77-86. [Consultado em Março, 2010] em <http://sisifo.fpce.ul.pt>
- Pinto, R. (2007). Meios e Educação. Porto: Porto Editora
- Prensky, M. (2001). Digital Natives Digital Immigrants. On the Horizon. NCB University Press, 9(5), 1-6.
- Toffler, A. (1984). A Terceira Vaga. Lisboa: Livros do Brasil.

## A importância da escola: A necessidade da emergência do/a professor/a

Nuno Freitas, professor

O saber ou saberes que os professores e alunos devem estar e/ou serem munidos diz-nos Leonardo Coimbra como tal se deve processar. O que ainda hoje para muitos não está devidamente acantonado na sua mente, em Leonardo não há qualquer tipo de dúvida. O que é saber? O que é o saber? Um exercício de citações psisticistas? Ou a capacidade que o ser humano tem de se apropriar do mundo activamente emitindo e ou construindo juízos? Leonardo dá-nos a resposta a estas interrogações quando nos escreve e diz que saber não é “o acto passivo de recolher muito material de conhecimento, mas o exercício da actividade de formular e construir juízos” (Patrício, 1992, p. 166). O saber sim, mas não o saber vazio de conteúdo, balofo, despejado do alto da cátedra. O saber científico que “abrange o saber estético e moral e o mais elaborado saber de reflexão filosófica” (Patrício, 1992, p. 166), que fazem parte integrante das dimensões da formação humana enquanto considerarmos o homem um ser total, uno e único.

Todo o saber que Leonardo nos aponta foi arrumado na gaveta do esquecimento durante o regime fascista. Não fazia parte da formação a dar e a receber por professores e alunos e isto ao longo de quase cinco décadas. Tudo, porque subversivo e o povo “não sentia” necessidade de saber, de cultura! Era o seu destino, ou estava pré/destinado a isso. Em plena Monarquia, pelo menos no plano teórico havia uma preocupação enorme ao nível da formação de professores. Viam na sua formação e citamos Álvaro Ribeiro (1977)

“Ensinar é elevar”.

Ou então : “Os professores que o desenvolvimento intelectual e moral dos povos reclama não se encontram, formam-se” (Nóvoa, 2005, p. 39). Para o Estado Novo/Regime e sua “peda-

gogia” a imitação bastava e só essa era por eles recomendada. Com o Estado Novo o que era preciso (e trabalhava-se na consciência do povo) era que não se fizesse sentir a necessidade de cultura, de saber e saber fazer. Hoje pensamos que há razões para tudo isto. Quanto a nós prendem-se sobretudo com pontos de referência que no modelo anterior eram sinalizados pela cultura e que se vão esbatendo e ou desaparecendo neste modelo pós-moderno. O que falta são os sistemas de referência -valores- bem balizados como no modelo anterior. Hoje, esbatidos como estão, não permitem à criança/jovem/professor, organizar o seu mundo de referência e deste modo organizar-se como sujeito no mundo.

O planeamento da educação só pode ir avante com os professores e nunca contra eles. Todo o sucesso docente imbrica numa trilogia que não pode ser vista de forma separada. Estamos a referirmo-nos a: Formação, Carreira e Salário. Repensada, reformulada e negociada esta trilogia, temos a chave para melhores desempenhos dos docentes e as exigências manifestas desta nova sociedade ao nível dos sujeitos, dos métodos, dos processos, das estratégias, podem ser colmatadas.

#### Referências

- Coimbra, L. (1911) A Reforma do Ensino. Porto: A Montanha, n.º 14, 16/3/1911
- Nóvoa, A. (2005). Evidentemente. Histórias da Educação. Porto: Edições ASA, 2.ª ed.
- Patrício, M. F. (1992). A Pedagogia de Leonardo Coimbra. Teoria e Prática. Porto: Porto Editora
- Ribeiro, A. (1977). Memórias de um Letrado. Vol. I. Lisboa: Guimarães & C.ª Editores

## Biblioteca Escolar: uma aposta no sucesso educativo

Anabela Borges & Brígida Pinto, professoras

**P**artindo do conceito central de que a Biblioteca Escolar (BE) constitui um contributo essencial para o sucesso educativo, sendo um recurso fundamental para o ensino e aprendizagem, deve ser dado especial destaque ao desenvolvimento das literacias e à capacidade de aprendizagem ao longo da vida, como formas de adaptação às mudanças emergentes na sociedade actual, que todos esperam ser para melhor.

A Biblioteca Escolar ergue-se como um espaço social, um local onde convivem pessoas de diferentes graus académicos, pertencentes a uma variada tipologia de profissionais, faixas etárias, níveis económicos e sociais, diversas escolaridades, além dos segmentos da comunidade escolar em geral (família, autarquia, parcerias...).

Nesse sentido, a sua organização e funcionamento devem se-

17



*Zona de leitura impressa da BE*



*Momento de leitura (hora do conto),  
na Biblioteca Escolar / Centro de Recursos Educativos*

18

de uma forma generalizada, na gestão e manutenção da coleção (fundo documental).

O professor bibliotecário deve ser alguém com experiência profunda sobre a forma como as pessoas aprendem, alguém que constantemente reflecte sobre a sua prática e encontra formas de a melhorar (Zmuda & Harada, 2008). Ao verificarem que o professor bibliotecário pode ter acesso à informação, processá-la e disponibilizá-la, e até, de uma forma crítica, transformá-la em conhecimento, vai-se verificando uma gradual mudança de mentalidade por parte dos utilizadores das bibliotecas e da sociedade em geral.

Na verdade, o professor bibliotecário não pode ser visto como um mero funcionário da BE, mas, antes, como um especialista em aprendizagem, predisposto a dar o seu melhor, a evoluir na sua formação e a poder contribuir seriamente para o sucesso escolar dos alunos, ajudando-os a superar as suas dificuldades, intervindo nos diferentes grupos disciplinares e criando mais e novos recursos que possam ser proveitosamente utilizados no contexto de sala de aula. Esses objectivos poderão

ser, a longo prazo, alcançados através da análise, discussão e planificação com os professores dos diferentes departamentos / grupos disciplinares sobre como obter ajuda para os alunos, na e através da BE, de forma a melhorar o seu desempenho (Zmuda & Harada, 2008).

Ross reforça a importância do professor bibliotecário afirmando que quando este e os outros professores trabalham em conjunto, os alunos acabam por atingir “altos níveis de literacia, de leitura, de aprendizagem, de resolução de problemas e competências de informação e comunicação.” (Todd, 2002)

### **A BE como espaço de conhecimento e aprendizagem**

A BE deve contribuir para a efectiva construção do conhecimento e melhoria do sucesso escolar (Todd, 2002).

Cada vez mais, a BE tem que ser vista como um espaço de conhecimento e não como um depósito de informação, pois não basta tê-la (a informação), é mesmo necessário aprender a transformá-la em conhecimento. É neste sentido que a BE



*Semana da Leitura, actividade aberta à comunidade*

forma, diariamente, utilizadores, para que saibam utilizar de modo inteligente e rentável a informação disponível.

É desta forma que as professoras bibliotecárias estão já a desenvolver estratégias /actividades que levem os administradores da escola, os professores e a comunidade em geral a entender que a BE desempenha um papel preponderante no processo de ensino e aprendizagem. Ao disponibilizar recursos documentais em vários formatos, de acordo com as necessidades dos planos curriculares, a biblioteca procura manter um elo estreito com o currículo.

A BE é, assim, um espaço privilegiado para os utilizadores tirarem o máximo partido num sentido construtivo, proporcionando-lhes excelentes condições para se tornarem autónomos e independentes.

Neste ponto, atendendo às especificidades da nossa BE, podemos destacar os seguintes “pontos fortes”: o apoio a actividades livres, extracurriculares e de enriquecimento curricular (celebração de efemérides de interesse para a comunidade, por exemplo); o trabalho colaborativo com os docentes no desenvolvimento de aprendizagens e na construção do conhecimento; o espaço da BE, amplo e luminoso, que tem sido frequentemente requisitado para a leccionação de aulas, nas suas diferentes valências e áreas de trabalho; a equipa da BE, que no seu trabalho diário tem prestado um importante apoio na realização de trabalhos de pesquisa e de outras tarefas, assim como na projecção de filmes e documentários, contribuindo para o enriquecimento cultural e científico dos utilizadores.

### **Organização e Gestão da BE**

No que diz respeito à organização e gestão da BE, o sucesso é definido ao canalizar e investir recursos apenas nas tarefas que são essenciais à sua missão, não desperdiçando tempo e energias, que poderão ser proveitosos nos outros contextos e actividades inerentes ao desempenho do professor bibliotecário (Zmuda & Harada, 2008).

Vários factores são determinantes para o sucesso da BE no seio de uma comunidade escolar. Tomando como exemplo a nossa realidade, podemos salientar como muito positivos os seguintes factores: representação em Conselho Pedagógico; nomeação de duas professoras bibliotecárias a tempo inteiro; nomeação de uma funcionária a tempo inteiro; experiência da coordenadora; facilidade de utilização da BE; alargamento do horário, (funcionando todo o dia, sem interrupção para almoço); coesão da equipa, baseada em professores que prestam serviço na BE há já alguns anos; óptima relação da equipa com os utilizadores, havendo um acompanhamento sistemático e personalizado.

#### Referências

- Todd, R. (2002). School librarian as teachers: learning outcomes and evidence-based practice, *Libraries for Life: Democracy, Diversity, Delivery*. IFLA Council and General Conference: Conference Programme and Proceedings (68th, Glasgow, Scotland, August 18-24, 2002) (pp. 13). The Hague: IFLA. Disponível em <http://www.ifla.org/IV/ifla68/papers/084-119e.pdf>
- Zmuda, A., Harada, V. H. (2008). *Librarians as Learning Specialists: Meeting the Learning Imperative for the 21st Century* (1 ed.). Westport, CT: Libraries Unlimited

#### Bibliografia

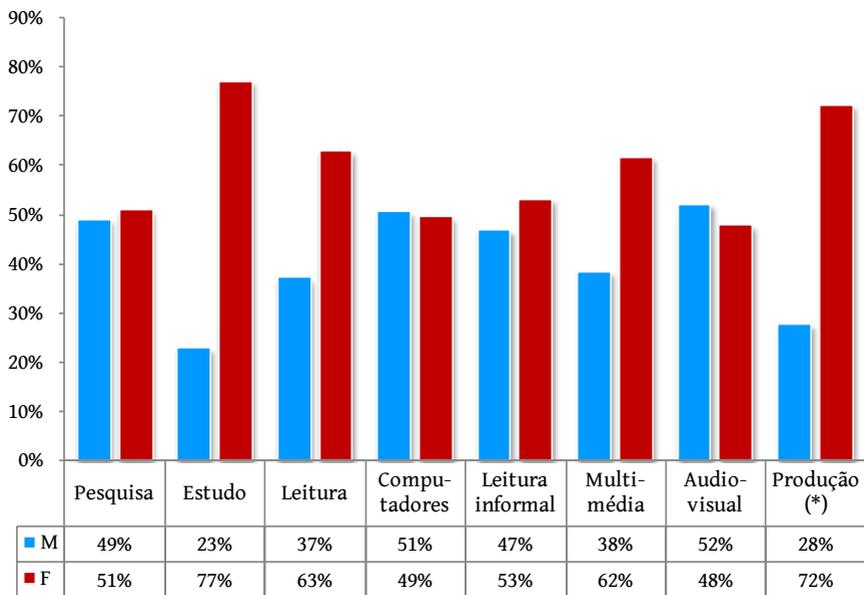
- IASL (1993). Declaração Política da IASL sobre Bibliotecas Escolares. Disponível online em [http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=iasl\\_declaracao.pdf](http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=iasl_declaracao.pdf)
- IFLA/UNESCO (1999). Manifesto da biblioteca escolar IFLA/UNESCO. Disponível em <http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/portug.pdf>.
- Todd, R. (2008). The Evidence-Based Manifesto for School Librarians. *School Library Journal*, 54, 38-43.

Entre Setembro de 2009 e Junho de 2010, a Biblioteca Escolar/ Centro de Recursos Educativos da EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra teve mais de 6000 utilizadores registados que procuraram neste espaço a fruição de diversos serviços.

Os nossos registos, distribuem os alunos utentes pela área de Pesquisa, Estudo, Leitura, utilização dos Computadores, Leitura informal (periódicos) Multimédia, Audiovisual e produção de documentos, conforme se mostra no gráfico abaixo.

Uma breve análise dos dados recolhidos permitem perceber que o movimento de utilização é equilibrado em termos de género, na maioria dos recursos disponíveis, exceptuando-se as áreas de Estudo, de Multimédia e de produção documental que são claramente mais utilizadas pelas alunas.

**Utilização da BE/CRE por sectores**



*Utilização dos recursos da Biblioteca Escolar, nos primeiros nove meses do ano lectivo 2009-2010*

## Formação para a Leitura e as Literacias

*Anabela Borges & Brígida Pinto, professoras*

O papel transformativo da BE consiste num processo que visa formar os utilizadores para as diferentes literacias. Para que isso seja possível, é necessário determinar as necessidades de (in)formação dos alunos, encontrar formas de resolver problemas, levá-los a ler por prazer e a utilizar eticamente e de forma eficaz as informações e as ideias disponíveis (Zmuda & Harada, 2008).

### Para ler estamos cá nós (Semana da Leitura)

Promover hábitos e competências de leitura nos alunos é o principal objectivo da Semana da Leitura, uma iniciativa do Plano Nacional de Leitura, à qual este agrupamento de escolas, uma vez mais, aderiu, entre os dias 01 e 05 de Março.

Encontros com escritores, dramatizações, recitais e Olimpíadas de Leitura foram os principais ingredientes que condimentaram mais uma Semana da Leitura, celebrada neste agrupamento de escolas, para fazer desfilarem palavras, personagens, livros, autores, declamadores, poetas, actores, enfim... um tempo de magia, viagem e aventura. Uma leitura que nos transportou no tempo e no espaço, de acordo com a sensibilidade de leitores e ouvintes.

As actividades foram, antecipadamente, preparadas na Biblioteca Escolar e nas diferentes salas de aula do agrupamento, com a leitura de obras, ensaios para dramatizações, pesquisas e preparação de trabalhos para exposição. Assim, do 1.º ao 9.º Ano, não faltaram momentos de inspiração e revelação de verdadeiros leitores e artistas.

Os escritores convidados foram recebidos com calorosas recepções musicais, com afinados hinos à escola e à cidade da Lixa e muitos aplausos, seguidos de informais diálogos e ses-

sões de autógrafos. Foi com muito gosto que contámos com a simpatia de Fausto Quintas, que anunciou “O regresso da Andorinha” (e como nós estávamos ansiosos pela Primavera!), a simplicidade de Gracinda Pontes, que trouxe com ela uma “Sara, Menina Sereia”, que nos levou à aventura do mar (as férias grandes ainda estão longe...), e a alegria contagiante de Maria da Conceição Campos, com o seu “Fufo, o Cão Órfão”, que levou tantos meninos (e meninas) a quererem adoptá-lo. Sim, ler é isto: viajar sem sair do lugar. E foi o que nós fizemos.

A meio da semana, três alunos do 3.º Ciclo, acompanhados por uma professora, foram representar a escola, na fase distrital do Concurso Nacional de Leitura, e o João Pedro foi seleccionado, entre 194 participantes, para ir à oral, no dia 12, à tarde. Surpresa das surpresas, nesse dia, o João foi o 1.º classificado para representar o distrito do Porto na final nacional.

Ao longo da semana, várias turmas apresentaram declamações e dramatizações de textos, lidos ou inventados, devidamente adaptados com a preciosa orientação dos respectivos professores. Na Biblioteca Escolar, os alunos iam preparando marcadores para livros, para oferecerem aos pais e, é claro, a Senhora Leitura, rainha da festa, não se deixou nunca perder de vista, do alto do seu largo e confortável trono (leia-se estantes), piscando o olho aos meninos, para que a levassem para a casa, para as aulas, para onde quisessem celebrá-la.

O encerramento da semana não foi menos caloroso, trazendo os pais à Biblioteca, com a exposição “Pinturas Famosas sobre Tela” dos alunos do 7.º Ano, realizadas na disciplina de Artes Plásticas e orientadas pelo professor Carlos Costa, uma actividade que contou com um pequeno recital de poesia, bem guarnecido por um momento musical, que nos ofereceu a aluna Vera Ribeiro com a sua flauta transversal.

No que diz respeito a actividades alusivas à Semana da Leitura com a participação da BE, dá-se ainda destaque para: o debate interturmas para o Concurso Entre Palavras, este ano dedicado às Comemorações do Centenário da República, no próximo dia 24 de Março; o Recital de Poesia, no dia 26 de Março; a Fei-

ra do Livro, em Abril; e outras actividades, sempre a promover a leitura e a literacia.

## **Os Prémios Nacionais: Concurso Nacional de Poesia do Plano Nacional de Leitura (PNL)**

A aluna Tatiana Ferreira, da EB1 da Serrinha, venceu o 1.º Prémio do 1.º Ciclo do Concurso Faça Lá um Poema, promovido pelo Plano Nacional de Leitura, com o poema “Eu Quero Ser...” (ver página 31).

O Concurso, dinamizado pela Biblioteca Escolar do Agrupamento, com a chancela do PNL, decorreu durante o mês de Janeiro, dirigindo-se aos três ciclos do Ensino Básico. Após uma selecção por parte de um júri, a nível de escola, os poemas foram enviados para os responsáveis pelo concurso a nível nacional.

A Tatiana, que quer ser, acima de tudo, “uma feliz adulta”, esteve presente, acompanhada pela mãe e pela professora, na cerimónia de entrega de prémios, no dia 21 de Março, “Dia Mundial da Poesia”, no Centro Cultural de Belém.

### **Concurso Nacional de Leitura**

O aluno João Pedro Carvalho, do 9.º Ano, venceu a fase distrital do Concurso Nacional de Leitura do PNL.

Após a selecção dos três alunos, na fase escolar, Ana Ferreira, José Lopes e João Carvalho, este foi seleccionado para representar o distrito do Porto na final concurso, transmitida pela RTP.

A realização da prova escrita da fase distrital decorreu na Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto, no dia 2 de Março, na qual o João foi apurado, entre mais de duzentos candidatos de escolas do distrito, para a prova oral da final distrital do Porto, no dia 12 de Março, vencendo os outros dez finalistas pela sua profundidade na análise das obras, pela sua capacidade de expressão e pelas respostas perspicazes que deu ao júri.

As professoras bibliotecárias congratulam-se com o empenho

e a participação de todos os envolvidos. Como pode ler-se nas orientações do Plano Nacional de Leitura: “A Semana da Leitura 2010 será um espaço de união e um tempo de partilha que contará com todos a ler”. É o que estamos a fazer.

Não há dúvidas de que as aberturas à comunidade revelam-se uma mais-valia no processo de formação para a leitura e as literacias, permitindo dar a conhecer as potencialidades que a BE enquadra no conjunto das suas valências. Um bom exemplo disso foi o “Café com Livros”, actividade que levou a que muitos docentes e encarregados de educação requisitassem livros, ao tomarem conhecimento do fundo documental da BE, nomeadamente das novidades adquiridas no início do ano lectivo. Também, a título de exemplo, a actividade de leitura, na sala de aula, do início da história de “O Livro que Só Queria SER Lido”, de José Jorge Letria, desencadeou uma autêntica “caça” ao livro por parte dos alunos do 2.º Ciclo (todos queriam lê-lo!).

## **A BE e os Novos Ambientes Digitais**

É indiscutível que os ambientes digitais constituem um potencial muito vasto de trabalho e de lazer. É também indiscutível o impacto que o paradigma digital tem na BE, nas práticas e na forma como gerimos e processamos a informação.

Como “pontos fortes” poderemos destacar: a divulgação do serviço da BE na plataforma Moodle; a larga experiência em informática e a formação qualificada de um dos elementos da equipa; a promoção do desenvolvimento dos hábitos e competências digitais; o equipamento actualizado e em quantidade / qualidade razoável para realização de trabalho multimédia; o enquadramento da BE no Plano Tecnológico da Educação.

Na óptica do utilizador da BE destacam-se como “pontos fracos”: a sobrecarga de informações na Web e a incapacidade para gerir aquelas de que necessitam; as elevadas expectativas na capacidade da tecnologia, muitas vezes atingindo fracos resultados na pesquisa e tratamento da informação.

## Gestão da Colecção

Uma biblioteca que se pretenda moderna terá que acompanhar as necessidades dos diferentes segmentos dos seus utilizadores, logo, em termos de colecção, precisa de ter um acervo adequado e actualizado.

É muito importante, numa BE, ter em consideração as boas condições de acesso (infelizmente, não é uma realidade no nosso agrupamento) e a qualidade da colecção.

No que diz respeito ao fundo documental, a organização e equipamento estão de acordo com os standards definidos; a BE dispõe de um conjunto de recursos de informação actualizada e adequada às necessidades dos utilizadores, para que estes possam usufruir dela da melhor forma possível.

## Gestão de Evidências e Avaliação da BE

Segundo o “Modelo de Auto-avaliação das Bibliotecas Escolares” (RBE, 2009), é necessário proceder a uma avaliação sistemática dos processos e dos produtos do trabalho do dia-a-dia, de forma a trabalhar em acções para a melhoria. Assim, o importante é trabalhar, no sentido de descobrir se os nossos alunos estão a ser devidamente preparados para a responsabilidade social e, simultaneamente, para a criatividade pessoal, de que necessitarão nesta sociedade que se desenvolve em constantes contextos de mudança.

É importante, deste modo, começar por apresentar o conceito de Biblioteca Escolar subjacente à construção do modelo: a missão da BE passa por ter um papel fundamental nas aprendizagens, no apoio ao desenvolvimento curricular e, consequentemente, no sucesso educativo. Aqui estão subjacentes outros conceitos – o construtivismo (o aluno como construtor do seu conhecimento); o “inquiry Based Learning” (o questionamento e inquirição contínuas, numa nova abordagem ao conhecimento); o desenvolvimento de novas literacias e a aprendizagem contínua ao longo da vida (a introdução das TIC, o surgimento de novos ambientes de disponibilização de

informação); a procura de evidências acerca do impacto da BE na escola e a gestão dos factores críticos que se apresentam ao seu desenvolvimento.

Quando gerimos um serviço, gerimos expectativas com um horizonte temporal em perspectiva. Um “bom negócio” será ouvir o som (“feedback”) dos alunos envolvidos na construção do conhecimento – uma valiosa oportunidade de verificar que o investimento de recursos afecta positivamente o desempenho dos alunos e o sentimento de satisfação por saber que a BE é o espaço mais rico em recursos da escola (Zmuda & Harada, 2008).

Desta forma, o actual processo de avaliação da BE, que num ciclo de 4 anos implica a apreciação de 4 domínios (Apoio ao Desenvolvimento Curricular; Leitura e Literacia; Projectos, Parcerias e Actividades Livres de Abertura à Comunidade; Gestão da Biblioteca Escolar), requer a recolha sistemática de evidências, através de inquéritos simples e breves a preencher pelos utilizadores (mensalmente ou no dia de determinadas actividades); a identificação dos sucessos e insucessos das acções e serviços prestados; a possibilidade, a qualquer momento, de diversificar a recolha de evidências, registo e tratamento estatístico de dados.

Assim, este modelo de avaliação apresenta-se como um instrumento pedagógico de definição de factores críticos de sucesso com vista à melhoria, devendo a auto-avaliação “ser encarada como um processo pedagógico e regulador, inerente à gestão e procura de uma melhoria contínua da BE. Neste sentido, a escola deverá encarar este processo como uma necessidade própria e não como algo que lhe é imposto do exterior, pois de facto todos irão beneficiar com a análise e reflexão realizadas.” (RBE, 2009)

### **Acções Prioritárias da nossa BE**

Feito um balanço, no primeiro ano em que a nossa BE é sujeita a uma avaliação, consideramos as seguintes acções como prioritárias: continuar a solicitar aos professores do Agrupamento

um maior envolvimento nas actividades desenvolvidas na BE; sensibilizar para a valorização da BE como centro efectivo de aprendizagem, através da realização de sessões de trabalho temáticas; desenvolver mais campanhas de divulgação da BE junto da comunidade escolar (sensibilizar as famílias para a importância da BE, através da formação de utilizadores); aumentar a oferta de recursos e actividades para os diversos públicos (não esquecendo os novos cursos profissionais); sensibilizar a autarquia para um maior envolvimento e colaboração com a BE; investir em mais recursos de informação; apostar na formação das professoras bibliotecárias e demais elementos da equipa; por último, mas o mais importante, contribuir para o sucesso escolar dos alunos.

Como refere Ross Todd, é preciso transformar a informação disponível na BE em conhecimento efectivo; nessa altura, estaremos, sem dúvida, a contribuir para o sucesso escolar dos alunos.

Parafraseando a Dra. Teresa Calçada, que, na reunião com professores bibliotecários e responsáveis pelo Plano Tecnológico, na Aula Magna da UTAD, em Vila Real, afirmou que o professor bibliotecário é o agente que representa o lugar, por excelência, onde estão os melhores recursos de informação de toda uma escola, sejam eles analógicos, digitais, multimédia...

De facto, esta afirmação, pela dimensão que representa, deixa o professor bibliotecário, a um tempo, enlevado e desassossegado, pois recai nele uma grande responsabilidade. Encara-se, assim, o professor bibliotecário como um gestor de informação, que tem como objectivo principal formar leitores em todas as literacias. É para isso que cá estamos. Vamos ao trabalho!

#### Referências

- RBE. (2009). Modelo de Auto-avaliação da Biblioteca Escolar. Lisboa: Ministério da Educação.
- Todd, R. (2002). School librarian as teachers: learning outcomes and evidence-based practice, *Libraries for Life: Democracy, Diversi-*

ty, Delivery. IFLA Council and General Conference: Conference Programme and Proceedings (68th, Glasgow, Scotland, August 18-24, 2002) (pp. 13). The Hague: IFLA. Disponível em <http://www.ifla.org/IV/ifla68/papers/084-119e.pdf>

Zmuda, A., & Harada, V. H. (2008). *Librarians as Learning Specialists: Meeting the Learning Imperative for the 21st Century* (1 ed.). Westport, CT: Libraries Unlimited

30



*A Coordenadora do Programa da Rede de Bibliotecas Escolares, Doutora Maria Teresa Calçada, visitou as bibliotecas do Agrupamento Dr. Leonardo Coimbra em 8 de Junho e fez questão de contactar com os seus utentes.*

## Eu quero ser...

Tatiana Ferreira, aluna (vencedor nacional /1.º Ciclo, no concurso “Faça lá um Poema”)

**E**u quero ser tudo:  
Arquitecta e aviadora,  
Actriz de cinema mudo,  
Médica ou domadora.

Super-heroína e marinheira,  
Alpinista e professora,  
Empregada e enfermeira,  
Pirata ou engenheira.

Também quero ser escritora,  
Polícia, com ou sem multa,  
Mas o que eu quero mesmo ser  
É uma feliz adulta.

31



O computador Magalhães, Lara Teixeira



## A importância do Jardim-de-infância na vida das crianças

*Jorge Sampaio & Arlete Simões, encarregados de educação*

O jardim-de-infância, nos dias que correm, e apesar de já existir na rede pública há mais de 30 anos continua a ser entendido como um local de guarda, onde as crianças se divertem. Mas, a realidade vai muito para além disso, já que a frequência no pré-escolar deveria ser considerada como uma das passagens mais importantes, se não a mais importante da sua vida. Este é o primeiro contacto com a vida escolar, e é nele que se dá o primeiro passo para a autonomia.

Por norma, a entrada na pré-escola coincide com a primeira vez que a criança lida com adultos que não são da família ou amigos próximos, como tal, aprende a organizar e estabelecer as suas primeiras relações extra-familiares. É na infância que as crianças mais aprendem, estão mais receptivas e formam a sua personalidade e, entre os 3 e os 5 anos são como verdadeiras esponjas, que absorvem tudo com imensa facilidade.

A tendência da sociedade actual é para que as famílias tenham apenas um filho, no máximo dois, por isso, é na pré-escola que a criança deixa de ser o centro das atenções, para se tornar um entre todos, aprende a viver em grupo, a trabalhar com os outros, distribuir tarefas, gerir os problemas, ser autónoma, respeitar o que é dos outros, e aprende as primeiras regras.

São as crianças que frequentam o jardim-de-infância, que quando vão para a escola primária demonstram um elevado nível de conhecimentos, revelam mais capacidades, trabalham com mais entusiasmo, são mais responsáveis, mostram-se mais interessadas pelas actividades escolares, e evidenciam uma maior capacidade de concentração.

Por tudo isto, é que nos países mais desenvolvidos como a França ou a Finlândia, por exemplo, a frequência no pré-escolar é obrigatória. Infelizmente, em Portugal, e depois de to-

dos estes anos, a educação infantil é considerada uma espécie de parente pobre da educação, não só pelo sistema de ensino, como pela própria sociedade.

Por não ser fácil admitir uma previsão sobre que futuro caberá às crianças no que diz respeito à educação pré-escolar, compete cada vez mais aos pais apostar numa atitude pró-activa e estarem atentos às vicissitudes e rápidas mudanças no sistema de ensino. Por outro lado, é importante mostrar interesse e ser participativo não apenas em relação ao educando mas também no seio da comunidade escolar; à entreatajuda, à comunicação e partilha de ideias, e às relações entre a escola e a família. A atenção às mudanças e a participação ou actuação são as palavras-chave por definição para o bom funcionamento de uma qualquer instituição de ensino, de um aluno, de uma família ou da sociedade em geral. Mas, esta dinâmica não pode ser esperada de quem ministra o ensino. Ela deve começar no contexto familiar, em casa porque é lá que se determinam as regras básicas de educação. A escola apenas a complementa num laborioso caminho de aprendizagem.

Por tudo isto, o nosso educando começou por frequentar o jardim desde os 3 anos de idade, e nós como encarregados de educação, fomos sempre muito participativos, quer em actividades propostas pela Educadora, quer em actividades sugeridas por nós mesmos, e, ou através da participação na associação de pais.



“Wordle” com  
palavras do poema  
vencedor do  
Prémio Nacional  
de Poesia (leia o  
poema na pág. 31)

## O Centro Escolar da Lixa é amigo do Ambiente

*Ermelinda Costa & Clárisse Teixeira, professoras*

Os problemas ambientais devem ser uma constante preocupação na vida de cada um.

É neste sentido, que a escola deve ter como aspiração primeira, sensibilizar toda a comunidade educativa para a forma como os comportamentos de hoje, serão responsáveis pela qualidade do Ambiente, no futuro.

Partindo do princípio de que, os bons hábitos de hoje farão a diferença amanhã, o Centro Escolar da Lixa, está a dar o seu contributo desenvolvendo dois projectos de Educação ambiental: Mil Escolas e Eco-Escolas, já iniciados em anos anteriores, nas escolas donde estes alunos são oriundos.

Candidatámo-nos de novo, ao Mil Escolas com o projecto “Os amiguinhos da ribeira de Borba – parte II”, onde fomos vencedores, ganhando um computador portátil, um projector, um kit de jardinagem e ainda quinhentos euros. Este projecto tem a duração de dois anos e está a ser acompanhado e patrocinado pela “Empresa das Águas Douro e Paiva” em actividades lúdico - pedagógicas e de campo umas já realizadas e outras calendarizadas.

O projecto Eco-Escola, é um projecto europeu, supervisionado

*Trabalho do dia da mãe - reutilização de materiais (projecto Eco-Escolas)*





*Entrega de prémios ao Centro Escolar por parte da Empresa Águas Douro e Paiva (projecto Mil Escolas)*

36

pela Direcção Regional de Educação do Norte e tem como parceiro a Autarquia. Todos os anos a escola terá de fazer a candidatura ao galardão tendo para isso que cumprir todas as actividades previstas no projecto. Estas actividades têm como temática: biodiversidade, água, energia, resíduos e alterações climáticas.

Os professores, sentem-se privilegiados pelo trabalho desenvolvido desde o início do ano escolar, uma vez que as crianças e respectiva família, têm colaborado para que estes projectos estejam a ter o sucesso desejado.

Com eles, pretendemos uma mudança de atitude na população escolar e sociedade em geral, no que concerne à problemática do ambiente, sendo a criança o agente de mudança no seio familiar.

## O Ambiente que precisamos aprender a cuidar

Deolinda Silva & Lurdes Ferreira, educadoras

*Formar uma população mundial consciente e preocupada com o ambiente e com os problemas com ele relacionados, uma população que tenha conhecimento, competências, estado de espírito, motivações e sentido de empenhamento que lhe permitam trabalhar individualmente e colectivamente para resolver os problemas actuais, e para impedir que eles se repitam. UNESCO, 1975*

**A**o desenvolvermos o projecto “Ar Puro/Qualidade de Vida” queremos promover nos(as) alunos(as) conhecimento e compreensão dos problemas derivados da presença humana no ambiente, da responsabilização e do papel crítico como cidadãos de um país e de um planeta. Incentivamos, assim, as competências e valores que levam a repensar e a avaliar as atitudes diárias e as suas consequências no meio ambiente em que vivem. Para que, no seu dia-a-dia, embora crianças, saibam como evitar a poluição do planeta, e para que, em adultos, sejam cidadãos - modelo, com atitudes cívicas e ambientais exemplares.

As educadoras do Jardim de Infância de Vila Cova da Lixa privilegiam uma prática profissional em que a criança é um sujeito activo e protagonista do seu próprio desenvolvimento, desdobrando esta óptica à luz de uma perspectiva ecológica do desenvolvimento humano. Partilhamos a concepção de desenvolvimento humano da teoria ecológica de Bronfenbrenner (1986), um processo pelo qual a criança adquire uma concepção mais alargada, diferenciada e válida do ambiente ecológico, tornando-se, assim, motivada e apta a desenvolver actividades que permitam descobrir, manter ou alterar as propriedades desse ambiente. Assim, enquanto “seres inteligentes e capazes, curiosos e atentos, [as crianças demonstram] capacidade para serem independentes e dignos de confiança”, segundo Donaldson (1979).



*Jardim-de-Infância de Vila Cova da Lixa  
Grupo Sala Amarela*

Por tudo isso, estabelecemos um Plano Anual de Actividades que desenvolvemos ao longo do ano. Logo no início do ano lectivo, com a escolha do símbolo de cada sala, houve a preocupação de fixar uma relação com a temática ambiental. Assim, para a Sala Vermelha escolhemos a “Borboleta” e associámo-lhe a frase “A Borboleta Voa no Ar”; para a Sala Amarela, o símbolo “Sol” corresponde à frase “O Sol que Purifica o Ar”; por fim, para a Sala Azul, o “Moinho” reporta à frase “O Moinho Aproveita o Vento”.

No Dia Europeu Sem Carros, começámos por sensibilizar as crianças para a necessidade de se evitar, reduzir ou substituir este meio de transporte por outros alternativos, não poluentes e mais saudáveis. Aqui, as crianças descobriram outras formas de deslocação e realizaram trabalhos de registo gráfico e plástico.

Depois de visionado o filme “Amigos do Coração”, no Dia do Não Fumador, as crianças foram informadas e alertadas para este comportamento prejudicial à saúde. Em sequência, as crianças construíram uma flor em materiais recicláveis com uma frase alusiva, sensibilizando-se também a família.

Conhecedores destes dois agentes poluentes – o automóvel e o tabaco –, quisemos saber mais e partimos, em cada sala, à descoberta do que é o Ar, do que o polui e como minorar estes efeitos negativos. Através de uma série de experiências relacionadas com o Ar, aproximamos a Ciência da Escola, envolvendo os alunos em actividades que desenvolveram a curiosidade e capacidades, estimularam o pensamento crítico e criativo, o raciocínio, a memorização e a reflexão consciente, com metodologias e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, através da observação e experimentação.

Contámos, ainda, com a equipa do Centro Regional de Ciências Experimentais da Escola Secundária da Lixa, que realizou, ao longo de dois dias, algumas experiências ligadas ao tema e apresentou um meio de transporte artesanal que funciona utilizando o Ar, o “hovercraft”.

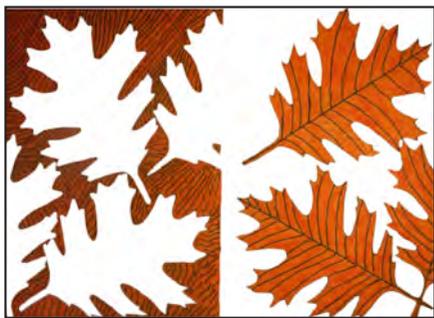


Figura e Fundo, Liliana Teixeira

Com todas as vivências desenvolvidas ao longo do ano lectivo, as crianças aprenderam atitudes ambientais correctas, evitando a destruição de árvores, pois elas são importantes para a purificação do ar, prevenindo que sejam destruídas pelos incêndios; reciclando e reutilizando materiais; separando os lixos caseiros pelos ecopontos. Sublinhe-se que utilizamos, sempre que possível, materiais reciclados

nas actividades plásticas.

Assim, as crianças do Jardim de Infância de Vila Cova da Lixa estão sensibilizadas e comprometem-se a cuidar do nosso planeta, são amigas do ambiente.

#### Referências

- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742.
- UNESCO. (1975). A report on the Belgrade Workshop on Environmental Education, UNESCO-UNEP Environmental Education Program, Belgrade, 13-22 October, 1975. In P. J. Fensham (Ed.). Curriculum Development Centre: Woden, ACT
- Vasconcelos T. (1997) Ao Redor da Mesa Grande: A Prática Educativa de Ana. Porto: Porto Editora

**S**ou menino traquina  
Respeito a Natureza:  
Animais, plantas, rios e mares  
Tudo é vida, tudo é beleza!  
A Natureza é vida. Vamos protegê-la!

(Adaptação do Livro: *Estudo do Meio*, "O Quico e o Meio" de Helena Campos e José Reis", pág. n.º 64)

## Uma saída ao meio com meninos/as de palmo e meio

*Cláudia Abreu & Deolinda Ribeiro*

**E**ra o dia 18 de Fevereiro, véspera da nossa Visita de Estudo ao Museu da Chapelaria e propusemo-nos para este dia, no período da manhã, uma saída ao Meio Envolvente da Escola/Jardim. O Património é vasto e riquíssimo. Calçada Romana; Igreja do século XVII; Cruzeiro do mesmo século; Brasão do antigo Couto do Mosteiro de Caramos que encima o portão da quinta; Calvário e Capela do Encontro do século XVII também. O nosso propósito foi sem dúvida alguma dar a conhecer este acervo riquíssimo, sensibilizar os alunos para ele, valorizá-lo, divulgá-lo e se possível, com os alertas que os alunos fizeram preservá-lo. A identidade da nossa terra passa muito por este valioso conjunto arquitectónico.

Assim, houve a participação e envolvimento de toda a comunidade escolar nesta visita. Todos se portaram à altura. Era ver a atenção que todos, mas todos deitavam às explicações que eram dadas! As perguntas que tinham que ser satisfeitas. Claro, perguntas de meninos/as, mas que precisavam de ser esclarecidas. E muitas até eram pertinentes. Então querem lá saber uma coisa? A Calçada Romana é ou devia ser um Monumento Nacional. E o que as crianças não entendiam é como era capaz de haver obras num muro contíguo a essa Calçada e o lixo dessa obra estava em cima da Calçada, que ao fim e ao cabo é um pouco de nós, faz parte da nossa História. E que responder a estes alunos que nos questionam sobre este fenómeno? E que dizer sobre a água que corria Calçada abaixo, e as ervas que cobriam parte dela?

Os alunos acharam que era imperativo denunciar o abandono a que está votado parte do seu património e ainda por cima o mais antigo. E é isso também o que nós aqui vimos denunciar. É a sua voz que fala mais alto e que não se pode calar. É no fundo uma lição de civismo que estes alunos, dos mais pequenos

aos maiores, nos dão a nós adultos.

A hora da visita é chegada ao fim, não sem antes nos despedirmos destes nossos monumentos e prometermos que voltaremos. Eles estarão vigilantes e prontos novamente a dar-nos lições sem custo, mas que a estes pequenos historiadores custou tanto ver o seu estado caótico.



*No Jardim, a Ciência pode ser divertida!*

## "A Terra"

*Sandra Costa, educadora*

O interesse por questões ambientais tem assumido uma relevância em toda a nossa sociedade, interesse que também influenciou o tema do Projecto Educativo do Agrupamento, "Ambiente/Qualidade de Vida" e por conseguinte também o trabalho desenvolvido pelas diferentes escolas.

Foi neste sentido que no Jardim-de-infância de Pinheiro, tais questões foram sendo trabalhadas. Mas por onde começar? Foi a pergunta que a mim como Educadora se me colocou. Foi então que como forma de motivação para tal assunto e depois de uma conversa com as crianças, achei interessante mostrar-lhes um filme onde elas pudessem antes de mais perceberem o surgimento do Planeta Terra e todas as suas alterações até ao aparecimento do Homem. Só posteriormente é que então seria possível abordar questões sobre as alterações do ambiente.

Para registar os acontecimentos adquiridos e trabalhados nesta primeira fase decidimos em conjunto, (Educadora/crianças) que a melhor forma de os consolidarmos, registarmos e até partilharmos seria não só através do desenho mas também através da escrita elaborando uma poesia, que poderíamos utilizar para o concurso de poesia que estava a ser divulgado pela biblioteca do Agrupamento.

O trabalho foi realizado e exposto na biblioteca para que todos pudessem observá-lo.

As crianças no final viram o seu trabalho valorizado ao receberem um diploma de participação no "concurso de poesia".

**A** Terra apareceu,  
Quando uma explosão se deu,  
Era toda lume a arder,  
Que a chuva fez arrefecer.

Ficou azul e castanha,  
A grande bola de fogo,  
E no azul da água,  
Apareceu a célula da vida.

A célula virou peixe,  
A lagarto chegou,  
Mas foi no dinossauro,  
Que o crescimento parou.

Nova explosão se deu,  
O dinossauro morreu,  
Tudo se mexeu,  
E o macaco apareceu.

Com tanta volta,  
Do macaco chegou ao Homem,  
Que da idade da pedra,  
Estamos noutra era.

Hoje a Terra está doente,  
Porque estamos a poluir,  
Deitando lixo p'ro mar,  
p'ro chão e p'ro ar.

Vamos tratar o planeta,  
Para o proteger,  
Ele ficar contente,  
E com saúde viver.

*(Baseado na série “Era uma vez o Homem”  
trabalhada no Jardim-de-infância de Pinheiro)*

## Mamã... eu sei reciclar e tu?!

*Hélder Guimarães & Elsa Guimarães, encarregados de educação*

**E**ntre muitas preocupações com o crescimento dos nossos filhos... o momento de entrar no infantário é sempre um passo que gere alguma ansiedade nos pais. Pois, pensamos nós – “até há bem pouco tempo o meu filho ainda estava no berço e brincava com os seus brinquedos.... E hoje está a frequentar o infantário! Como o tempo passa!”. Porém o tempo vai passando e apercebemo-nos dos benefícios e mais-valias que tal vivência desenvolve na educação dos nossos filhos.

O meu filho tem 3 anos e frequenta pela primeira vez o Jardim de Infância de Vila Cova da Lixa, pois devo dizer que quando se diz que a mudança de mentalidades deve ser iniciada nos mais pequenos... eu corroboro perfeitamente com essa situação. Quando o meu filho chega do infantário, tenho por hábito lhe perguntar o que ele aprendeu no infantário... espanto meu quando um dia, ele me responde”a reciclar mamã!”. Estupefacta, continuo a minha conversa e torno-lhe a questionar sobre o assunto: reciclar! Tu sabes reciclar? E, ele com grande vontade me diz: “sim!”. Torno a interrogar “então diz-me que cores dos ecopontos existem?”. Pois, garanto-vos que fiquei sem resposta... ele falou-me das 4 cores de ecopontos e o tipo de resíduos a que se destinavam, com ligeiros enganos... sem dúvida, mas o que é facto é que com 3 anos ele já tinha a percepção que o lixo pode ser dividido e ser colocado num sítio certo para depois outras pessoas tratar!

Por vezes, reparo na forma como ele dobra a embalagem tetra pack e na sua insistência para que isso seja alargado as restantes embalagens.

Não hajam dúvidas que este tipo de comportamento reflecte um dia-a-dia focalizado no ambiente e se um menino de 3 anos está sensibilizado para estas situações é porque existe

um trabalho sério e árduo nos bastidores para mudar e conscientizar esta geração sobre a importância do ambiente... e é de salutar o empenho do infantário pelo papel activo que tem tido neste processo. Este tipo de iniciativas deveriam ser reconhecidas e divulgadas, pois o impacto que se gere nesta contínua educação ambiental é deveras evidente para passar despercebido aos olhos de todos. Inúmeras vezes, ouço colegas de trabalho comentarem que os filhos obrigam-nas a fazer a triagem dos resíduos. Por vezes, virada para os meus botões... já penso que um dia se tiver a oportunidade de construir... gostaria de ter uma cozinha na qual o local de lixo pudesse ser dividido em 4 locais para separar o lixo... e... confesso que estas questões ambientais nunca foram o meu ponto forte... mas a convivência diária do meu filho despertou-me para esta realidade. Costuma-se dizer que nós aprendemos com os nossos filhos, pois eu posso dizer... que é verdade! Ele, inequivocamente, ensinou-me a valorizar o ambiente, porque este é sem dúvida um dos princípios para uma qualidade de vida... em família!

46



*Aprender a reciclar, no JI de Vila Cova da Lixa*

## Educação Especial: objectivo e público-alvo

*Fátima Canas Ribeiro, professora*

Os alunos com necessidades educativas de carácter permanente, segundo os estudos mais recentes, é cerca de 1,8%, com a diferença de que estes carecem de apoio específico ao longo de todo o percurso escolar.

“A educação especial tem por objectivo a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, assim como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida profissional e para uma transição da escola para o emprego de crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente.” (Crespo et al., p.15)

O Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de Janeiro, tem como premissa a qualidade de ensino orientada para o sucesso de todos os alunos. Um aspecto determinante dessa qualidade é o desenvolvimento de uma escola inclusiva, consagrando princípios, valores e instrumentos fundamentais para a igualdade de oportunidades.

Um sistema de educação inclusivo deve estruturar-se e desenvolver-se atendendo à diversidade de características das crianças e jovens, às diferentes necessidades ou problemas e, portanto, à diferenciação de medidas.

“Neste sentido, a educação especial visa a criação de condições para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da actividade e da participação num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da

autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social.” (Crespo et al., p. 15)

#### Referências

Crespo, A., Correia, C., Cavaca, F., Croca, F., Breia, G., & Micaelo, M. (Org.). (2008). Educação Especial: Manual de Apoio à Prática. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular / Direcção de Serviços da Educação Especial e do Apoio Sócio-Educativo.

48



*Estilização de um trabalho anti-tabagismo.  
Colectivo (sala Vermelha, JI de Vila Cova da Lixa)*

## A história de um menino especial

*Fátima Canas Ribeiro, professora*

**S**empre me foi inimaginável como seria difícil a vida, se um dos nossos filhos ficasse imobilizado, não falasse e não reagisse aos mais pequenos impulsos, mesmo com um olhar. Mas, um dia esse ser nasceu, cresceu e foi criando uma estrutura forte e aos olhos todos saudável. Saltava, ria, brincava todo o tempo e tudo era preenchido à volta de si.

Dia após dia, algo de anormal começava a verificar-se. Revelando várias alterações, os pais levaram-no ao médico e, após vários exames, o diagnóstico foi cruel e custou a aceitar. O menino tinha uma doença raríssima que o levaria a perder toda a sua autonomia e ficar dependente para tudo.

Era um menino tão querido, desejado e especial. Agora o seu corpo estava doente e não ia deixá-lo ser como todos os outros.

Mudou tudo nas suas vidas. Tanta dedicação, tanto cuidado, tanta ternura..., mas ao mesmo tempo tanto sofrimento.

Uma mãe que todos os dias sabe que tem obrigações e tarefas para cumprir. O seu filho precisa de tudo de si. Não pode estar doente porque aquele ser que gerou está ali e precisa dela. Alimento, limpeza, carinho, amor, tudo lhe dá. E a dor? A dor de o ver assim, a lembrança do que já foi, fez...

Anularam-se por ele, vivem para ele, com a esperança que chegue o dia com que tanto sonham, “O meu filho está curado”.

Como custa ver outras crianças que têm todas as capacidades físicas e mentais e, aparecem nas escolas com tantos sinais de negligência, descuido, falta de atenção e até de higiene, quando elas têm tudo para dar. Estão a aprender sem exemplos de como ser, como fazer. Vão crescer. O que irão ser? E estes pais

estarão preparados? Não teriam algo também a aprender?

Quanta diferença!

Tanto investimento num Menino Especial!

## Ao Idoso (a beleza dos cabelos brancos)

*Bianca Nogueira, aluna (1.º prémio /2.º Ciclo do Agrupamento, no concurso “Faça lá um Poema”)*

50

**M**ais um dia passou,  
Deixando uma vida para trás,  
Mas acumulou-se sabedoria,  
Que para nós passará.  
Estes são os idosos,  
Famíliares nossos, ou não,  
Que tanto bem nos farão!  
Muitos pensam o contrário:  
Que são lixo;  
Vivem para serem desprezados em vão.  
Porquê?  
Porque nem todos sabem  
Que os idosos são jóias  
E, ao contrário dessas pessoas maldosas,  
Têm um grande coração!

## Um Menino Especial

*Trabalho colectivo dos alunos do Jardim-de-Infância de Pinheiro*

**É** um menino,  
que anda na escola,  
pois precisa de mudar,  
Não responde ao que dizemos  
e não gosta de dar,  
querendo todos os brinquedos.

Vai muito para os livros,  
mas às vezes não cuida deles,  
Vira, vira e não lê,  
também não sabemos o que vê.  
Brinca, mas sempre sozinho.

As regras temos de cumprir  
e chamamos todos por ele  
Mas o nosso amigo, nada parece ou-  
vir.

Tudo o que faz é diferente,  
mas às vezes faz como a gente  
Mas nós já sabemos que não pode  
ser igual,  
Pois temos aqui um Menino Espe-  
cial.

51



*Imagem vectorial  
a partir de um desenho de Ana Luís*

## A minha irmã

Sílvia Costa, aluna (3.º prémio /3.º Ciclo do Agrupamento, no concurso “Faça lá um Poema”)

Quando estou triste  
E começo a chorar,  
Ela pega em mim  
E leva-me a voar.

Quando estou doente,  
Ela tem uma solução:  
Olha-me com ternura  
E segura na minha mão.

Os seus olhos são castanhos  
Como o castanheiro no amanhecer,  
Que deita as suas lágrimas,  
Quando acaba de chover.

Os seus cabelos são castanhos claros  
Como um Outono brilhante  
E a sua cara é tão linda  
Como uma estrela cintilante.

Tudo o que disse sobre ela  
É tudo o que digo sobre mim,  
Pois eu sou e sempre serei  
Sua irmã gémea até ao fim.

## Ler ou não ler?

*Nazaré Ferreira Pinto, professora*

**A** leitura é uma actividade cognitiva complexa e que, desde muito cedo, está presente numa grande parte das situações do nosso dia a dia.

Para os alunos, quer seja ou não em contexto escolar, o contacto com os livros e com as histórias é um meio privilegiado para a aquisição de saberes e competências essenciais para o desenvolvimento sadio da sua literacia.

Tendo tudo isto em linha de conta, desde o início do ano lectivo que uma das minhas missões é difundir/cultivar, nos meus educandos, o gosto pela leitura criando-lhes hábitos de ler para melhorar a escrita e à qual todos aderiram com muito empenho e entusiasmo.

Ao longo do ano, à medida que liam novos livros, os alunos foram desenvolvendo e aperfeiçoando o prazer de ler tornando-se muito mais autónomos e criativos nas suas produções escritas. Elaboram textos engraçados, com muita criatividade, pontuação adequada, sequência lógica e de tamanho bastante superior ao que era habitual.

Com o intuito de criar nos meus discentes o “bichinho” da leitura e da escrita e incentivá-los para bem escrever, surgiu a ideia de fazer um livro e que eles próprios deram o nome “Grandes histórias de gente miúda”. Os alunos só têm que elaborar textos originais, ilustrá-los no programa Paint para posteriormente serem seleccionados os melhores. Este projecto tornou-se aliciante para todos e página a página o livro vai tomando a sua forma, engrossando cada vez mais.

A cada dia que passa vão surgindo novas ideias. Eles próprios tomam a iniciativa de inventar, criar, dando asas à sua imagi-

nação para que o livro tenha o maior número de textos da sua autoria. Há uma competição entre eles saudável e enriquecedora.

Neste momento, quando se pede para elaborar um texto, cada um dos alunos envida todos os esforços possíveis, dá o seu melhor para que a sua produção escrita seja uma das favoritas para a edição do livro “Grandes histórias de gente miúda”.

E quando se pede para fazer poesia o empenho e entusiasmo não são menores. A escola participou no concurso “Faça lá um poema!”, uma iniciativa conjunta do Plano Nacional de Leitura e o Centro Cultural de Belém (CCB) com o apoio financeiro do Ministério da Educação, à qual aderiu um vasto número de escolas públicas e privadas e ganhou o 1.º prémio a nível nacional com um poema da aluna Tatiana Ferreira, do 4.º ano de escolaridade.



## A Natureza

Filipa Fonseca, aluna (1.º prémio /1.º Ciclo do Agrupamento, no concurso “Faça lá um Poema”)

Os campos floridos  
São beleza de encantar,  
Mas estão tão sofridos...  
Temos de os preservar.

Árvores de folhas verdes,  
Castanhas ou amarelas,  
Que nos ajudam a viver  
E são tão úteis e belas.

Os animais a correr,  
Os pássaros a voar,  
As crianças a brincar...  
Tudo tem rara beleza!

Não devemos poluir,  
Mas, sim, ajudar a Natureza!



## Poesia

Nuno Cardoso, aluno (1.º prémio /3.º Ciclo do Agrupamento, no concurso “Faça lá um Poema”)

56

**A** Poesia é a forma sentida de viver,  
A liberdade de escrever,  
A alegria, na tristeza de uma lágrima,  
A tristeza na magia de sentir.  
Simples palavras em complexos sentimentos...  
Somos nós.  
A alma exprimindo-se em palavras  
De cada um de nós.  
Poesia.  
Instantes...  
A liberdade numa prisão  
À espera de se libertar  
Em nós...  
Sentimento tímido  
Que se quer mostrar.  
A alma  
Que só quer voar,  
Voar!  
Largar a tristeza.  
Ser feliz!  
Simples palavras...  
Complexos sentimentos.



25 de Abril, Diogo

## Fumar, não!

Carla Coelho, aluna (2.º prémio /2.º Ciclo do Agrupamento, no concurso “Faça lá um Poema”)

**N**ão queiras fumar,  
Nem tentes experimentar,  
O cigarro é um veneno,  
Que te pode matar!

Se começares a fumar,  
Na tua juventude,  
Estás a pôr em risco,  
A tua saúde.

Não o queiras fazer!  
Fumar é uma tolice,  
Depois de algum tempo,  
Vai ser uma chatice.

Para além de te fazer mal,  
Também faz mal às outras pessoas.  
Não te queiras pôr doente,  
Isso são ideias tolas!

Depois destas quadras todas,  
Só tenho uma coisa a dizer:  
- Se tu estiveres a fumar,  
Pára já de o fazer!

57



Auto-retrato,  
Paulo Manuel

## Que estrada?

Cláudia Ferreira, aluna (2.º prémio /3.º Ciclo do Agrupamento, no concurso “Faça lá um Poema”)

**A** estrada parece plana.  
É como a nossa caminhada.  
Um ser de emoções...  
Mas é intensa e perigosa.

É assim a vida.  
Como uma estrada,  
Mas sempre com duas escolhas.

Será?  
Que ao longo da vida escolhemos a melhor estrada?

Será?  
Que não nos trairão as nossas intenções?  
Serão os nossos passos firmes?

Tenho medo!  
Medo de viver  
A caminhar por uma estrada,  
Cujo caminho eu desconheço.

E o seu fim?

Tenho medo!  
Medo de, ao caminhar,  
Escolher a estrada errada...

Tenho medo de fazer a caminhada,  
Perder-me  
E não voltar.

## A criança e a alimentação

*Olga Ferreira, educadora*

**D**urante a infância a alimentação correcta desempenha um importante papel no desenvolvimento e crescimento da criança e na preservação da sua saúde, pois além de satisfazer as elevadas necessidades de nutrientes durante estes anos, serve também para criar e manter bons hábitos alimentares para o resto da vida.

A sociedade moderna preocupa-se com os problemas de nutrição, especialmente quando estes estão directamente ligados à saúde da criança. No entanto, a publicidade exagerada, feita a muitos produtos, considerando-os com todas as virtudes, confunde grandemente o consumidor.

Assim a alimentação constitui um dos factores ambientais mais importantes para o aumento da qualidade e esperança de vida do indivíduo; e atendendo a que uma alimentação completa promove um aumento da produtividade e rendimento escolar, bem-estar físico e psíquico e maior resistência às doenças, cabe aos pais e educadores transmitir conhecimentos às crianças sobre hábitos alimentares saudáveis. Pois comer racionalmente é variar a ementa diária, dispondo para isso de alimentos em quantidade, qualidade e variedades suficientes de forma que forneçam ao organismo todos os nutrientes que necessita. Daí a necessidade de, desde cedo, inculcar às crianças conhecimentos sobre alimentação, para que no futuro saibam alimentar-se correctamente, evitando-se situações de obesidade e outras, prejudiciais à saúde física e psicológica.

Assim, este tema tem sido trabalhado ao longo do ano lectivo e as crianças adquiriram já alguns conhecimentos, tendo verbalizado o seguinte.



Cara, Bruno

Para ter saúde devemos:

*Comer coisas que nos fazem bem e evitar os alimentos que fazem mal. (Cláudio Rafael)*

*Comer doces só de vez em quando. (Manuel)*

*Comer coisas que tenham vitaminas. (Joana Filipa)*

*Comer muita fruta. (Joana Beatriz)*

*Comer sopa mesmo sem nos apetecer, porque nos faz bem. (Ruben)*

*Comer alimentos saudáveis. (Artur)*

*Beber muita água durante o dia, no intervalo das refeições. (Cláudio Rafael)*

*Beber refrigerantes só de vez em quando. (Joana Beatriz)*

*Comer muita salada. (Ruben)*

*Comer muitos legumes. (Pedro Miguel)*

*Se não nos alimentarmos bem morremos. (Artur)*

60

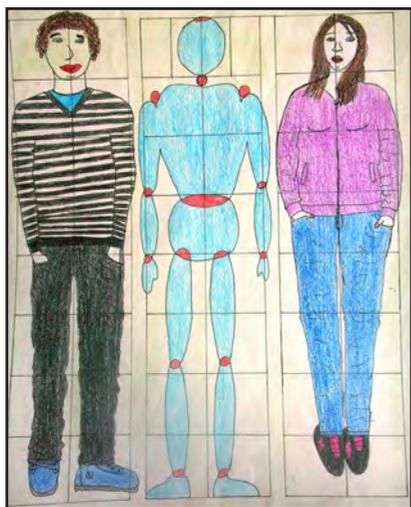


Figura Humana (estudo)  
Hélder Carvalho

## O Carnaval

Marta Araújo, aluna (3.º prémio /1.º Ciclo do Agrupamento, no concurso “Faça lá um Poema”)

O Carnaval vem aí,  
Com serpentinas e diversão.  
Na turma, vamos de abóboras,  
Vai ser uma animação.

Há de tudo, no Carnaval,  
Frutos e vegetais.  
Uns vão de comida saudável  
E outros de animais.

Tudo tem mais alegria,  
No dia de Carnaval,  
Estamos todos mascarados,  
Pois é um dia muito especial.

Adoramos o Carnaval,  
Por ser uma animação,  
Não mais pode acabar  
Esta linda tradição.

Pelas ruas da cidade  
Vamos todos a desfilar,  
Crianças e adultos,  
Para a alegria libertar.



Desfile de Carnaval  
Lara Fabiana, 5 anos



*Jardim-de-Infância de Vila Cova da Lixa  
Grupo Sala Vermelha*

## Carnaval... e Alimentação Saudável! Que ligação?

*Cláudia Abreu, Deolinda Ribeiro, Deolinda Silva, Laura Maduro, Lurdes Ferreira, Olga Ferreira & Sandra Costa, educadoras*

**N**o sentido de dar continuidade ao projecto educativo do agrupamento "Ambiente /Qualidade de Vida", a Alimentação Saudável foi o tema do Desfile de Carnaval.

Assim sendo, desde o início do ano lectivo que procuramos desenvolver nas crianças em idade pré-escolar, atitudes positivas face aos alimentos e à alimentação; encorajar a aceitação da necessidade de uma alimentação saudável e diversificada; além de promover a compreensão da relação entre a alimentação e a saúde.

Adoptaram-se estratégias e desenvolveram-se actividades que contaram com o envolvimento não só das crianças, mas também com a colaboração da comunidade.

Como exemplo do trabalho desenvolvido no que respeita à Formação Pessoal e Social, Expressão (Musical, Dramática, Plástica, Motora) e Comunicação (Linguagem Oral, Abordagem à Escrita, Matemática), e Conhecimento do Mundo, destacamos algum do trabalho desenvolvido:

- Solicitação aos Encarregados de Educação de lanches mais saudáveis para as suas crianças, como por exemplo: pão, fruta e iogurtes; pondo de parte doces, sumos gaseificados, ou bebidas açucaradas...
- Contactámos com os trabalhos do campo, começando por participar numa vindima...
- No Dia Mundial da Alimentação, comemoramos este dia com muitos diálogos e a confecção de receitas saudáveis: Pão e Salada de Fruta;
- Visitamos a "Feira da Lixa", para contactar com alimentos e

distinguir/conhecer frutos, legumes, carnes e cereais.

- A “Feirinha dos Alimentos Saudáveis”, foi uma actividade promovida pelos encarregados de educação e alargada à comunidade local.
- Exploração e registos sobre a importância da sopa e os ingredientes necessários à sua confecção
- Aprendizagem de quais as principais refeições diárias e como se denominam.
- Organização da pesquisa efectuada em registos como o “Alfabeto dos alimentos”, o “livro dos Alimentos” e “Prospectos de sensibilização”, com que aprenderam novos vocábulos.
- A preparação do desfile de Carnaval englobou actividades que permitiram às crianças desenvolver as suas habilidades artísticas...

64

Escolhendo, desenhando e/ou pintando o seu alimento saudável preferido... assim como as mensagens para os fatos de carnaval...

Experimentaram novos materiais, fizeram mistura de cores para encontrarem as cores reais dos alimentos representados...

Mediram,... compararam...agruparam, ...

Com a ajuda dos adultos (do JI e família) confeccionaram os fatos para o desfile...

- As canções, histórias, dramatizações, poesias, imagens, lengalengas e diálogos sobre a alimentação, foram estratégias constantes para que, de forma lúdica, as crianças assimilassem novas aprendizagens, atitudes e valores.

Assim a realização de uma actividade de diversão como é um Desfile de Carnaval, serviu um motivo educativo de grande importância na actualidade e que continuará a ter um lugar

de destaque no trabalho a desenvolver ao longo de todo o ano lectivo!

Em nome dos meninos dos Jardins de Infância de Caramos, Macieira, Pí-  
nheiro e Vila Cova...agradecemos às nossas famílias e a todos os que cola-  
boraram connosco nesta aventura educativa!

## Os frutos

*Paula Teixeira, aluna (3.º prémio /2.º Ciclo do Agrupamento, no concurso “Faça lá um Poema”)*

**O**s frutos têm muitas formas  
E várias cores também.  
O ananás tem uma bela coroa,  
Já a maçã não a tem.

A pêra é elegante,  
A banana come-se num instante,  
A laranja é gostosa,  
A melancia é apetitosa.

As uvas têm cachos  
E as cerejas também,  
O melão tem um sabor...  
Ai, como ele sabe bem!

Ai, os frutos...  
De tão diferentes que  
eles são,  
Fazem bem ao corpo  
E também ao coração.



*A Doutora Teresa Calçada (RBE), num momento de interação  
com alunos na Biblioteca Escolar, aquando da sua visita ao  
Agrupamento Dr. Leonardo Coimbra, Lixa*



*Alimentos saudáveis, Inês Maciel  
(ilustração a lápis de cor)*

**66**



*O meu belo jardim, Rita Carvalho  
(ilustração no computador)*

## Curso on-line “Pequenos Artistas”

André Dias, Carina Teixeira, Inês Pereira, Mariana Coelho, Maria Rita Carvalho, Susana Gomes & Susana Patrícia, alunos

As professoras de Área de Projecto, Natália Maia e Cristina Carvalho, no início do ano lectivo, propuseram a participação neste curso. Os alunos da turma aceitaram e foi também dado conhecimento aos nossos Encarregados de Educação.

O que é o Curso Pequenos Artistas?

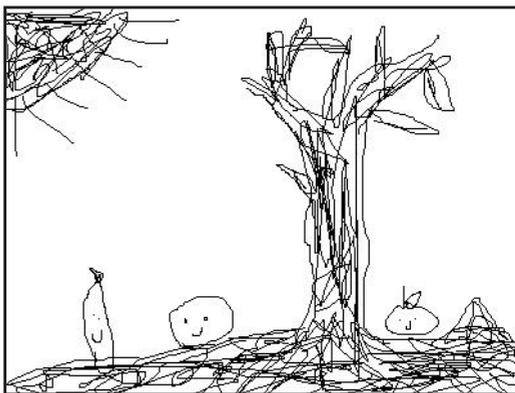
É um curso promovido pela Universidade do Minho, no qual aprendemos a usar o Paint e fazemos tarefas de pintura digital com vários tamanhos e usando várias ferramentas.

Para a realização de pesquisas e das tarefas, grande parte dos alunos trouxe o computador Magalhães e outros utilizaram os computadores portáteis da Escola.

Neste curso realizámos, com as diferentes ferramentas e com muita criatividade, oito tarefas. Cada tarefa foi realizada com uma ferramenta diferente, à excepção da tarefa número oito que tinha um tamanho diferente e podíamos utilizar as ferramentas do Paint à nossa escolha. Realizámos tarefas muito bonitas e vamos receber um Diploma de participação neste curso.

As professoras Natália e Cristina ajudaram-nos sempre que tivemos dificuldades.

Podem ver os nossos trabalhos no site do curso, em Galeria ([www.nonio.uminho.pt/cursos/paint/galeria/index.php](http://www.nonio.uminho.pt/cursos/paint/galeria/index.php)).



“Os frutos”, Inês Pereira



“O Pato”, André Dias

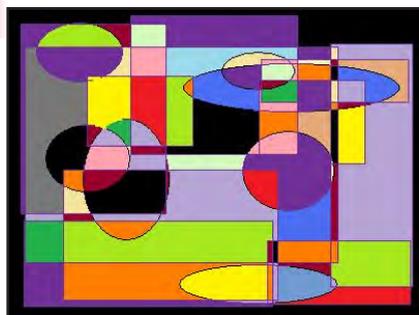
Gostámos muito de participar neste curso porque nos ensinou a utilizar as ferramentas do Paint e aprendemos também muito sobre o tema que escolhemos: “Alimentação Equilibrada. Ao participar aprendemos a utilizar o Paint e a saber utilizar um computador.

“Eu acho que o curso foi útil, porque aprendi a utilizar técnicas e ferramentas do Paint, obedecendo às regras do curso. Eu gostei e tenho novos conhecimentos que poderei aplicar noutras actividades.” (André Dias)

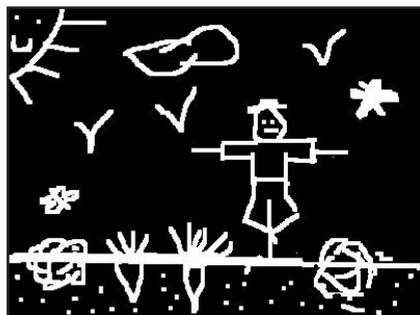
68

Trabalhos do Curso Pequenos Artistas:

1 “Círculos”, Libânia Sousa; 2 “Os Frutos”, Sandra Macedo;  
3 “A Maçã Comilona”, Susana Gomes; 4 “O Leitinho”, Carina Teixeira



1 2

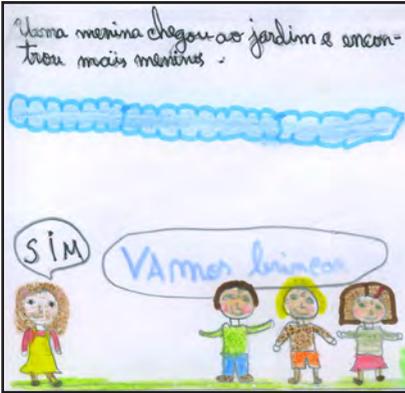


3 4



# Maria Castanha

Bruna Daniela, aluna



## Os Pigmeus: Características físico-biológicas e culturais

Bruno José, Bruno Filipe & Sara, alunos

Os pigmeus são povos de pequena estatura que habitam as florestas equatoriais da África Central. Até ao presente, são considerados os mais primitivos habitantes deste continente. Pertencem à raça dos Negrilos e podem encontrar-se em vários países de África. Os pigmeus têm a pele escura, amarelada, barba desenvolvida, maçãs do rosto salientes, nariz platirrínio, cabeça redonda, prognatismo pouco evidente e cabelos encaracolados. Podem medir entre 1,30 metros a 1,50 metros e raramente passam de 1,50 metros de altura.

Vestem-se com bocados de líber, batido para cobrir as partes genitais. Utilizam instrumentos rudimentares, como a lança e o machado que serve para cortar os animais que caçam e ramos de árvores. O machado e a lança são feitos de madeira e metal, que obtêm de outros povos vizinhos.

70



São povos caçadores e re-colectores e constroem as redes e armadilhas com que caçam os animais mais pequenos de que se alimentam.

A dança e o canto funcionam como incentivo para a partida para a caça ao elefante e ao búfalo, pois esta é muito perigosa e é preciso ganhar coragem.

Bailarinos Baka  
Província Leste dos Camarões

## Os Pigmeus: Adaptação ao Meio

*Bruna Daniela, Francisca, Tiago & Letícia, alunos*

Os pigmeus são povos de baixa estatura que vivem nas florestas do centro de África, nomeadamente no Congo, Camarões e Gabão.

Na floresta, os pigmeus sentem-se à vontade. Confiam no seu faro e no seu conhecimento da flora e da fauna e sabem defender-se. Em face de uma ameaça nunca perdem a cabeça.

Na floresta, o pigmeu está, de facto, no seu elemento natural. É evidente que não ignora os riscos que a floresta encerra: serpentes, feras, insectos venenosos, plantas nocivas e lamaçais perigosos, mas nada escapa ao seu olhar, habituado desde a infância a distinguir os mais ligeiros pormenores da penumbra verde e prateada do mato.

As palavras que os pigmeus usam para designar o seu meio natural mostram até que ponto lhe estão ligados: para eles a floresta é “doce”, “boa”, “generosa para os seus filhos”, e é “a mãe que alimenta e protege”, por vezes, chamam-lhe mesmo “a deusa” ou mais exactamente “a mulher de Deus”. Será a floresta que os acolherá docemente no seu seio, no dia em que morrerem: deulhes a vida e um dia retomá-la-á. É o seu direito e está bem assim.

São extremamente silenciosos quando partem para a caça, mas mostram-se muito ruidosos quando vão num simples passeio ou quando mudam de um acampamento para outro. O pigmeu desliza entre aquela confusão vegetal sem arranhar a pele nua



*Pigmeus Africanos  
e o Antropólogo  
K. G. Murphy*

e sem que lhe apareça na testa uma gota de suor, a não ser que vá carregado, enquanto o europeu ficaria todo marcado e suado, receberia na cara chicotadas dos ramos e pediria misericórdia ao cabo de algumas horas de marcha.

A floresta dá-lhes tudo, dizem que basta escutar a sua voz e aceitar as largas folhas de palma para os abrigar da chuva, o mel das abelhas, os frutos que pendem das árvores, a água que corre entre os seus troncos e a carne dos animais a quem dá asilo. Em resumo, o pigmeu respeita de facto o seu ambiente, do qual segue o ritmo e ao qual nunca tenta opor-se.

## Glossário

Platirrínio - nariz achatado

Prognatismo - maxilas alongadas para diante

Líber - casca de árvore

Recolectores - povos que não praticam a agricultura e que se alimentam do que recolhem na natureza

72

Fontes

Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pigmeus>), imagens e informação

Dossier 12, “Ensinar é Investigar”- Documentos de Estudo do Meio Físico e Social

**N**ota do professor da turma: No 2.º Período trabalhámos, na escola, o Espaço e o Tempo dos Homens, a Estrutura Social e Organização do espaço, tendo como objectivos: 1 - Organizar “conceitos orientadores” do tratamento da informação, reinvestindo nessa operação conceitos que tem vindo a elaborar no decurso das actividades relacionadas com o meio local e, com espaços regional/nacional; 2 - Proceder ao tratamento da informação segundo conceito orientadores, tais como a) meio ambiente físico/biológico; b) meio ambiente sociocultural; c) espaço organizado - povoação/habitação. De acordo com o tema a tratar, os alunos fizeram os trabalhos aqui apresentados, mesmo que com algumas “imperfeições”.

## “Cogumelos Mágicos” e perigosos!

Luís Valente, professor

**A** meio do Outono é frequente aparecerem novos seres na Natureza que tiram partido das características naturais do respectivo habitat. Entre eles, contam-se os cogumelos como uma das mais espantosas criações naturais, quer pela sua complexidade genética quer pelo fascínio que despertam junto da população. Em muitas regiões do nosso país, principalmente no norte interior, montanhoso, os cogumelos, - tortulhos, “sentieiros” ou “frades” - na linguagem popular, são apreciados desde tempos imemoriais e fazem a delícia de muitos apreciadores.



*Amanita muscaria*  
(foto L. Valente)

Do ponto de vista gastronómico, os cogumelos são excelentes ingredientes para acompanhar uma grande variedade de pratos. Quem os consome habitualmente aprendeu a distinguir os que são comestíveis dos que o não são e procura transmitir esse conhecimento de geração em geração. Há, no entanto, muito risco envolvido na recolha a “olho” destes fungos.

Em algumas instituições de Ensino Superior há grupos de investigadores que se dedicam ao estudo micológico (estudo dos cogumelos) e é frequente dinamizarem cursos de identificação ocular dos cogumelos comestíveis. Estes grupos de estudo têm por base a identificação laboratorial e científica dos componentes tóxicos dos cogumelos e, muitas vezes dispõem de bases de dados, de acesso público, com informação muito detalhada sobre cada uma das espécies que se podem encontrar na região. Ainda assim, a identificação segura dos cogumelos comestíveis não é tarefa a que qualquer um se deva atrever.

Nas zonas serranas do interior Transmontano e da Serra da Estrela, o valor económico de certas espécies leva a uma verdadeira corrida aos cogumelos selvagens. Diz quem sabe, que são valiosos complementos financeiros para as famílias que se dedicam à sua colheita no interior dos bosques. Muitos são utilizados em iguarias da gastronomia regional ou para a satisfação da gula dos seus captadores. No entanto, temos frequentes notícias das consequências nefastas da utilização alimentar dos cogumelos errados.

Costuma dizer-se, em tom de aviso e com uma grande carga de humor, que todos os cogumelos são comestíveis, embora alguns o sejam apenas uma vez. Quer isto dizer que alguns são mortais, logo, quem os come só os prova uma vez.

De facto, a toxicidade de muitas espécies é elevadíssima e em Portugal existem dos cogumelos mais venenosos. Entre esses, há um que tem atraído inúmeras pessoas que se consideram experientes na sua colheita. Só no Outono de 2009 foram mais de dez os casos conhecidos de envenenamento pela ingestão de cogumelos e registaram-se, pelo menos, dois casos mortais.



*Amanita falóides*  
(foto de Fred Stevens)

Normalmente as toxinas dos cogumelos atacam o sistema hepático (fígado) levando rapidamente à morte. Sem antídotos, o veneno obriga ao transplante hepático e, muitas vezes, se a morte não é imediata e directa, pode ocorrer posteriormente.

O *Amanita phalloides*  
(*Amanita falóides*),

segundo descrição de Kuo (2005), assemelha-se muito a alguns cogumelos comestíveis que se encontram na natureza, no norte de Portugal e essa semelhança é a maior armadilha que esconde. É letal e muito eficaz!!! Geralmente quem os come nunca os tinha experimentado, motivo pelo qual não encontramos ninguém que possa, comprovadamente, garantir que sejam inofensivos ou perigosos.

Os cogumelos *Amanita* incluem alguns dos fungos mais famosos do mundo. São reconhecidos pelas brânquias normalmente branco-pálidas separadas do tronco, pelos esporos brancos e pela presença de um véu a toda a volta. Crescem a partir de uma volva, outro dos traços distintivos da espécie. As tampas ou chapéus são mais ou menos enxutas, ao contrário de outros cogumelos com forma parecida. A espécie *Amanita muscaria* (mata bois, mata moscas, frade de sapo), apresenta manchas ou verrugas na parte superior e em redor dos limites, tendo um anel no caule. Existem algumas variedades do muscaria, mas o mais exuberante não passa despercebido pela sua cor vermelha e grande beleza. Contudo, é um amanita, potencialmente mortal e garantidamente alucinógeno!

No Outono de 2009, nos jardins da nossa escola, ao procurarem folhas para utilização em actividades escolares, os alunos encontraram e ficaram fascinados com três magníficos exemplares de *Agarica Muscaria*, mas nada sabiam sobre a sua perigosidade. Talvez tenha valido a curiosidade que a descoberta provocou, porque alguém se encarregou de alertar para as suas características alucinógenas.

**Um alerta para toda a comunidade: Não toque em cogumelos que crescem na natureza, porque muitos são venenosos, alguns são mortais para os humanos, mas são todos necessários ao equilíbrio ecológico e à manutenção da diversidade das espécies vivas do nosso planeta. Eles têm uma função bem definida pela Mãe Natureza, deixemos que a cumpram e cumpramos a nossa também, ou seja, procuremos estar informados.**



*Tampa do Amanita (Agarica) Muscaria (cozumelo mágico), venenoso!*



*Anel no caule*

76



*Brânquias do Amanita Muscaria*

#### Referências

Kuo, M. (2005, March). The genus Amanita. Retrieved from the MushroomExpert.Com Web site: <http://www.mushroomexpert.com/amanita.html>

## Clube de Artes

Natália Maia, professora

A criação do Clube de Artes foi sugerida pela coordenadora da Disciplina de Educação Visual e Tecnológica no final do ano lectivo 2007/2008, pretendendo-se tornar a Escola mais viva e atraente.

Aberto a toda a Comunidade Educativa e Meio Envolverte, este clube funciona em vários dias da semana e em diversos horários. Frequentam o clube alunos da Universidade Sénior Ocupacional da Lixa e alunos da Escola Dr. Leonardo Coimbra.

À segunda-feira, o clube é orientado pelas professoras Natália Maia e Fátima Matos sendo as sessões frequentadas com bastante assiduidade por seis alunas da Universidade Sénior, uma professora e cinco alunos da EB2/3 e uma encarregada de educação.

Neste ano lectivo o grupo elaborou “Presépios de Natal” e aplicou variadas técnicas de “découpage” sobre vidro e madeira.

A divulgação dos trabalhos é feita principalmente através do blogue do clube (<http://clubeartes-basica2-3lixia.blogspot.com/>). No final de cada ano lectivo é feita uma exposição aberta à Comunidade.



Presépio vidrado

## Introdução dos bordados na Escola

Natália Maia, professora

**N**a mesma altura em que se apresentou, em 2006, um projecto de utilização das novas tecnologias, no âmbito da Iniciativa Escolas Professores e Computadores Portáteis, surgiu a ideia de trabalhar os bordados na Escola e tentar, de alguma forma, utilizar as TIC nesse projecto.

A razão de ser da inclusão dos bordados em actividades dentro da escola tem a ver com o facto de a Lixa ser muito conhecida pelos seus belos bordados manuais.

O projecto, elaborado pela Coordenadora da Disciplina de Educação Visual e Tecnológica foi aberto a todos os docentes do grupo disciplinar. Desde então tem sido uma das actividades constantes do Plano Anual de Actividades do Agrupamento.

Os desenhos necessários para a execução dos bordados são decalcados manualmente, utilizando papel químico sobre tecidos de linho ou tipo linho e algodão. Posteriormente, o tecido é esticado num cartão onde são executados vários pontos

de bordado tais como: ponto cheio, ponto pé de flor, ponto margarina, nó, canutilho, rolinho, cadeia, recorte, grilhão, matiz, bainha aberta, crivo, ponto de cruz, meio ponto, entre outros.

Na zona da Lixa, e de influência do Agrupamento Dr. Leonardo Coimbra, os bordados constituem hobbies de

78



*Bordadeira na escola*

algumas famílias mas também são, ainda hoje, o meio de subsistência de outras famílias.

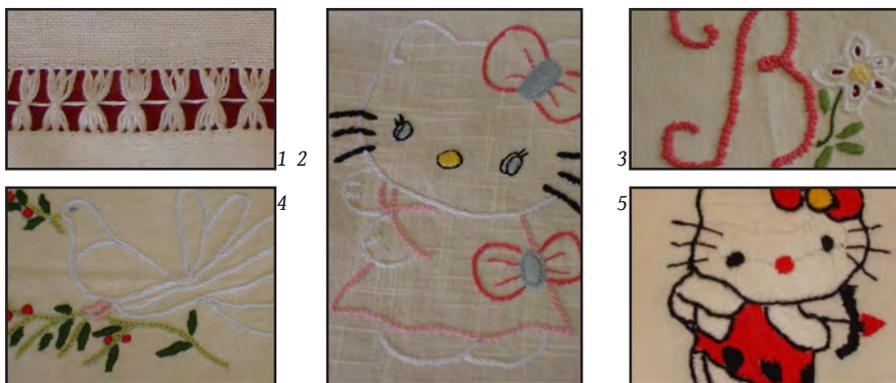
A fim de motivar os alunos para os bordados tem sido convidada uma bordadeira para vir à escola demonstrar a sua “arte de bordar”.

Em virtude dessa motivação, os alunos têm-se mostrado muito interessados e entusiasmados, executando com muito empenho e criatividade os seus bordados com os quais, no final de cada ano escolar é feita uma exposição.

Ultimamente, aproveitando o êxito da iniciativa, decidiu-se alargar esta actividade a outras áreas têxteis como a tapeçaria bordada onde os alunos aplicam vários pontos de bordado, fada do lar, nó de Esmirna, por exemplo.

A divulgação dos trabalhos tem sido feita através de um blogue dedicado <http://www.bordados-da-lixo.blogspot.com/> , para além do blogue da disciplina de EVT e no Jornal Escolar “O Mocho”.

Esta actividade permite estreitar a ligação Escola-Meio, valorizando também a riqueza artesanal da região e transmitindo valores culturais aos alunos.



1 bainha aberta; 2 ponto cadeia cheio pé-de-flor; 3 grilhão rolinho cheio; 4 ponto cadeia cheio; 5 ponto lançado cadeia pé-de-flor

## Retratos e auto-retratos

Carlos Costa, professor

A obra do artista plástico Andy Warhol, pintor americano do século XX, foi a fonte de inspiração para os quadros elaborados pelos alunos do 8.º Ano na disciplina de Artes Plásticas. Procurei que os alunos interiorizassem que Andy cultivou conscientemente uma imagem onde vivesse a simplicidade, a linha e as manchas principais para a compreensão da Obra de Arte.

Devemos a Warhol grande parte da modernização da estética tradicional. Com ele, a pintura contemporânea sofreu uma vasta transformação tanto nos temas como nos procedimentos. A sua paleta de cores, os temas e as personagens que retratou, dentro do estilo da Arte Pop, são originais, simbólicas e provocantes. Andy Warhol contribuiu para que se eliminasse a distinção entre o artista de vanguarda e o público em geral. As pessoas vulgares, e não os intelectuais, convertem-se nos destinatários da sua obra. Segundo este artista a “Pop Art devia ser uma arte para todos e não para alguns eleitos”.

Tive a preocupação de passar esta mensagem aos meus alunos durante as aulas de História da Arte, na transformação da imagem através do computador, no desenho dos retratos e auto-retratos e na pintura sobre tela.

A colecção de 95 quadros será exposta na Casa da Cultura da Lixa, integrando as Comemorações do 15.º Aniversário da elevação da Lixa a Cidade.

80



Auto-retrato  
Cláudia Susana

## Pinturas famosas sobre tela

Carlos Costa, professor

**N**a disciplina de Artes Plásticas, ao longo deste ano lectivo, os alunos do 7.º ano pesquisaram em livros de Arte e na Internet a Vida e Obra de vários Artistas Plásticos dos séculos XIX e XX.

Nas aulas os nomes dos Pintores confundiam-se com os dos alunos, ou seja, sentia neles o quererem “encarnar” na linguagem plástica dos Artistas que estavam a estudar e a representar.

Como foi interessante ver nos alunos todo o entusiasmo no folhear de dezenas de livros sobre Arte... E os comentários que faziam sobre as pinturas com imagens mais desnudadas de certos Pintores, como por exemplo: Matisse, Rousseau, Picaso, Dalí, Tom Wesselmann, Magritte, Max Ernest, entre outros. Esses momentos fizeram-me lembrar a minha adolescência e, como mais velho do grupo, procurei desmistificar e explicar a importância do nu na Obra de Arte ao longo da História.

Através das aulas de imagens de vídeos, os alunos familiarizaram-se com os materiais plásticos, o desenho observado e as técnicas dos Artistas Renascentistas adaptadas à Época Contemporânea.

As dificuldades na representação do desenho linear e de contorno das pinturas escolhidas foram superadas à medida que ia, individualmente, chamando à



Estefânia (reprodução de um quadro de Tom Wesselmann)



Cassandra  
(Reprodução  
de quadro  
de Van Gogh)

82

atenção para a utilização correcta da escala, para a comparação dos elementos a representar, para a diferenciação dos planos e como dizia o Escultor Henry Moore “Interpretar a imagem no seu todo em relação com as suas partes e, fundamentalmente, ler o vazio entre os elementos”.

Constatei que, com o Desenho concluído da imagem em estudo, o encantamento dos alunos pelas aulas de Artes ia aumentando. Fiquei feliz, porque estava a conseguir incutir neles um dos conceitos fundamentais para serem Artistas.

Seguiu-se a fase da pintura sobre tela e nessas aulas a sala transformou-se num Atelier onde reinou a camaradagem e a harmonia. As pinceladas iam dando vida ao desenho e este ganhava formas (concretas, geométricas e abstractas), texturas, cor e também cheiro. Dos quadros saíam paisagens com flores, pássaros, rios, pontes, ruas, casas, pessoas,

mãos, carícias, beijos...

Finalmente, senti a necessidade de explicar aos alunos que os Artistas Plásticos não pintam só para si, mas sim para os outros. Assim, para toda a Comunidade Educativa poder apreciar a colecção “Pinturas Famosas Sobre Tela” organizei uma exposição de 5 a 19 de Março de 2010, na Biblioteca da EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa. Na noite da inauguração, na presença da Direcção da Escola, Coordenadora da Biblioteca, Professores, Encarregados de Educação, familiares e admiradores da Arte, alguns alunos declamaram poemas de Sofia de Mello Breyner, Henrique Pedro, Fernando Pessoa, Albano Martins e Mário Cesariny alusivos às pinturas apresentadas e acompanhados pela música da flauta transversal da aluna Vera Pinto do 9.º A.

## Relevos de bronze e gesso pintado da U.SOL

Carlos Costa, escultor

**E**ste ano lectivo, nas aulas de Escultura do Clube de Artes à Terça-feira, orientei os trabalhos de relevo com um grupo de quinze alunas da Universidade Sénior Ocupacional da Lixa (U.SOL).

Como estava planificado, as alunas deram continuidade ao tema desenvolvido no ano lectivo anterior, isto é, depois dos relevos de gesso darem origem aos de bronze tiveram o cuidado de os retocar, lixar, patinar e pintar.

Contudo é de salientar que, para chegarem aos relevos de gesso, foi necessário entender a evolução do relevo desde a Arte Pré-histórica até à Arte Contemporânea. Assim, as primeiras aulas foram de História da Arte e, para trabalho prático, pesquisaram/seleccionaram obras em pintores famosos do século XIX e XX, por exemplo: Seurat, Matisse, Gauguin, Picasso, Chirico, Dalí, Magritte, Max Ernest e Tom Wesselmann. Seguidamente, essas imagens foram desenhadas sobre uma base em barro.

Com os conhecimentos apreendidos sobre “relevo” e “baixo-relevo”, com a explicação de algumas técnicas e com a ajuda dos instrumentos de trabalho as imagens surgiram moldadas no barro, para espanto



Relevos em bronze, alunas da U.SOL



*Relevo em gesso pintado, reprodução de Fernanda Guimarães*

84

das próprias “Artistas”.

Foram criados os respectivos moldes (negativos em gesso) para os relevos serem passados a gesso. Como este material não é resistente todas as alunas mandaram fundir os relevos em bronze, com patine em tons de castanho e verde.

Este ano lectivo desejaram pintar os relevos que serviram de molde para o bronze e surgiram autênticas pinturas sobre gesso, muito parecidas com as telas dos pintores supra citados. Estes belos trabalhos depois de emoldurados estiveram expostos de 20 a 29 de Março, na Casa da Cultura da Lixa.

Actualmente, estão a desenvolver o tema “Rostos de Cristo” seguindo as mesmas técnicas aplicadas nos relevos inspirados nas “Pinturas Famosas dos séculos XIX e XX”.

A este grupo de alunas só me resta dizer Muito Obrigado por me ouvirem e trabalharem comigo. O vosso entusiasmo pelas Belas Artes faz bem à minha missão de Artista Plástico.

Termino esta reflexão com algumas palavras do livro *Estética do Filósofo e Crítico de Arte Hegel*

*“A obra de arte procede do espírito e existe para o espírito, e a sua superioridade advém-lhe de que o produto natural, sendo um produto dotado de vida, é perecível, ao passo que uma obra de arte é um produto durável. (...) Eis o motivo por que a obra de arte é superior a todos os produtos da natureza que não efectuaram essa passagem pelo espírito.”*

## Os instrumentos famosos

Sandra Teixeira, aluna

**N**um dia de sol, os instrumentos resolveram ir para o parque da Cidade. Quando lá chegaram o parque estava vazio e eles ficaram muito espantados.

- Não está cá ninguém! – disse a flauta admirada.

- Pois não, mas o parque costuma estar cheio! – respondeu o trompete.

De repente o dono do parque da Cidade apareceu e disse:

- Finalmente, tenho pessoas a visitar o meu maravilhoso parque!

- Pessoas não, instrumentos! – corrigiu o trombone.

- Sim, o trombone tem razão. Nós não somos pessoas. Somos instrumentos e todos diferentes. Nenhum de nós é igual. – resmungou o acordeão.

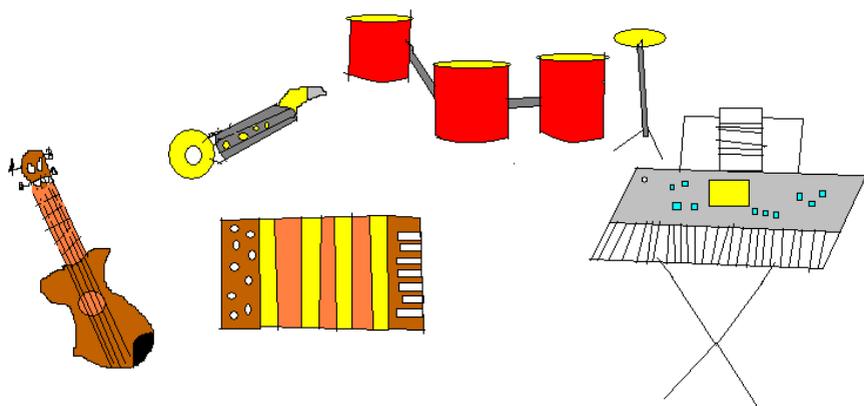


Ilustração digital de Sandra Teixeira

- Desculpem por vos ter chamado pessoas, mas já há muitos dias que não aparecem pessoas aqui e eu fico muito excitado.
- disse o dono do parque da Cidade, com ar triste, muito triste.

De repente os instrumentos despediram-se do homem e foram para casa.

Quando chegaram a casa reuniram-se e pensaram numa maneira de ajudar o dono do parque.

- Já sei! Tive uma ideia! – exclamou o saxofone.

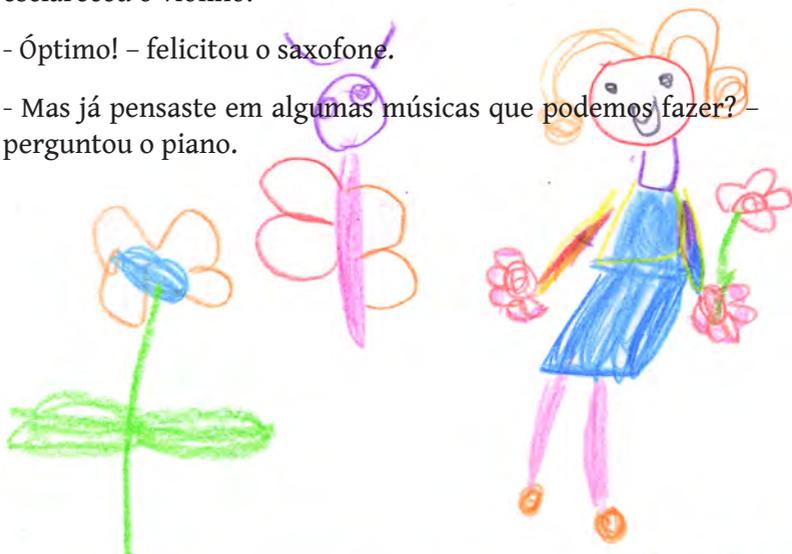
- E que ideia foi essa? – perguntou o órgão com curiosidade.

- É assim. Podemos organizar uma orquestra e pode ser que consigamos fazer músicas divertidas para tocarmos no parque da Cidade. Quando as pessoas nos ouvirem, se gostarem, comecem a ir mais vezes lá. Mas, para isso, todos os dias, temos de ir lá «actuar». Perceberam ou tenho de explicar tudo do princípio ao fim? – falou durante 10 minutos o saxofone.

- Sim, nós percebemos e queremos ajudar o dono do parque! – esclareceu o violino.

- Óptimo! – felicitou o saxofone.

- Mas já pensaste em algumas músicas que podemos fazer? – perguntou o piano.



Os Cravos do 25 de Abril, Beatriz

- Não. É melhor pensarmos em conjunto! Ou então cada um faz uma música e depois vemos o que fica bem ou se temos de mudar alguma coisa. – disse o saxofone.

- Está bem! – responde a bateria.

Ensaïaram durante dias e dias até ficar perfeito e conseguirem alcançar os seus objectivos. Depois de bem ensaiados os instrumentos foram até ao parque da Cidade e logo que lá chegaram começaram a tocar. À medida que iam tocando apareciam no parque cada vez mais pessoas. Quando o dono do parque da Cidade viu aquela multidão de gente só lhe apetecia dançar ao som da música.

- Como é que vocês conseguiram fazer isto? – perguntou o dono do parque da Cidade.

- Fizemos músicas e letras. Inventámos canções e viemos para aqui cantá-las. A cada dia que passava vinham mais pessoas ouvir-nos. – disseram os instrumentos em coro.

- Obrigado. Muito obrigado! – disse o dono do parque da Cidade.

- Não tem de quê! – responderam os instrumentos.

A partir desse dia os instrumentos começaram a ficar famosos e para qualquer lado que fossem eram reconhecidos e aplaudidos.



## Técnicas *découpage*: técnica do craquelé em vidro e madeira

Natália Maia, professora

De origem francesa, “*découpage*” significa recortar gravuras de papel e usá-las para revestir superfícies de madeira, vidro, tecido e metal.

No início destes trabalhos fez-se a exemplificação das técnicas.

Na aplicação desta técnica sobre vidro: aplicar sobre a superfície uma camada de cola e deixar secar ou secar com secador. Seguidamente esponjar a tinta craquelex e deixar secar. Recortar as gravuras de papel e colar de forma a obter efeitos decorativos na superfície pretendida. Dar uma camada de verniz e deixar secar.

88

Na aplicação desta técnica atrás do vidro: Recortar as gravuras de papel e colar no local pretendido. Aplicar sobre a superfície uma camada de cola e deixar secar ou secar com secador. Esponjar a tinta craquelex e deixar secar. Esponjar com tinta acrílica e depois de seco pulverizar com verniz.

Na aplicação desta técnica sobre madeira: pintar a superfície com tinta acrílica deixar secar. Aplicar sobre a superfície uma camada de cola e deixar secar ou secar com secador. Seguidamente esponjar a tinta craquelex e deixar secar. Recortar as gravuras de papel e colar de forma a obter efeitos decorativos na superfície pretendida. Dar uma camada de verniz e deixar secar.



*Découpage. Alguns trabalhos podem ser vistos no blogue do clube (<http://clubeartes-basica2-3lixa.blogspot.com>).*

Os participantes trouxeram os materiais e com eles elaboraram trabalhos decorativos e utilitários.

## A auto-avaliação do Agrupamento

*Emília Ribeiro, professora*

**É** certo que cada instituição escolar tem uma forma própria de funcionar internamente, um modo de se relacionar com os membros da comunidade e de encarar as dificuldades, os problemas, os conflitos e as mudanças que vão ocorrendo ao longo dos tempos. Porém, “existem princípios normativos” de orientação educativa que regem e que são comuns a todos os estabelecimentos de ensino do domínio estatal.

Até à década de oitenta, sensivelmente, as orientações eram definidas superiormente de forma que as relações sociais e pedagógicas no estabelecimento de ensino, entre professores e alunos, professores e família, pareciam pré-estabelecidos e assim se assegurava o funcionamento da escola. Hoje, procura-se que a realidade seja bem diferente uma vez que as orientações normativas “obrigam” a que a Escola elabore os seus próprios documentos de orientação educativa mobilizando todos os actores, abrindo as suas portas à comunidade, estabelecendo parcerias, estando atenta às mudanças sociais que vão ocorrendo, sendo ela própria também agente de mudança.

Ora, atendendo ao actual contexto social em que vivemos, fruto de uma mudança científica e tecnológica em todos os campos do saber, vincados por um avanço crescente face aos desafios da nossa sociedade, leva-nos a repensar uma nova concepção de escola tornando-a mais participativa, onde diferentes actores, de dentro e fora dela, possam, em conjunto, intervir de forma activa, na planificação e definição de estratégias que visem o sucesso dos nossos alunos, pela aquisição de competências que lhes permitam enfrentar os desafios constantes que caracterizam uma sociedade global. E aqui começamos a falar de uma escola de “qualidade”. E o que é isso de uma escola de qualidade? Não precisando datas convoco discursos proferidos pelos nossos governantes cuja preocupação se centrava



*Logótipo do projecto de autoavaliação  
do Agrupamento Dr. Leonardo Coimbra*

na dotação de “recursos e materiais dos sistemas escolares” como sinónimo de qualidade. Mais tarde esse discurso é substituído pela “eficácia do processo” e hoje em dia a “qualidade” identifica-se com os resultados obtidos pelos alunos e ressalta-nos então a questão da

avaliação de escolas, que, na perspectiva de Santos Guerra (2002) esta “visão simplista da avaliação tem dificultado e distorcido a compreensão profunda da realidade escolar”.

Neste contexto a avaliação de escolas deverá essencialmente ser compreendida como a determinação do valor e da qualidade do processo educativo. A pertinência da avaliação no processo de ensino/aprendizagem reside no facto de possibilitar a tomada de decisão e a melhoria da qualidade de ensino, informando as acções em desenvolvimento e a necessidade de regulações constantes. Sendo um processo, e não um produto, apenas se justifica desde que se constitua como ponto de apoio para a tomada de decisões racionais tendo em conta “diversos cenários” a “natureza e intensidade das relações”, como refere o autor supracitado.

Imbuídos neste espírito, em Outubro de 2008, O órgão de gestão do Agrupamento de Escolas Dr. Leonardo Coimbra com a anuência do Conselho Pedagógico decidiu aderir a um Projecto de Avaliação de Escolas em Rede - PAR integrando onze instituições escolares do Norte do país, que se assumem como uma comunidade de aprendentes que desenvolvem e partilham experiências no âmbito da Auto-avaliação de Escola. O

projecto tem como objectivo ajudar as escolas a desenvolver dispositivos de Auto-avaliação, que permitam a construção de uma escola de qualidade levando os seus actores a reflectirem e decidirem sobre o que é importante para a sua escola e para os seus alunos, em função dos contextos, em que se inserem.

Apelidamos o projecto de “aPrender a Escola” e dele fazem parte docentes de todos os graus de ensino, um representante dos técnicos operacionais e outro dos encarregados de educação. Não se adoptou nenhum modelo específico de auto-avaliação de escolas, contudo, diz a investigação que, quando se pretende implementar um processo de melhoria, é mais adequado optarmos por uma avaliação participativa começando pela escolha dos objectos, dos critérios e dos procedimentos, uma vez que, ao procurarmos responder a dois objectos inerentes ao processo de auto-avaliação, nomeadamente a prestação de contas e melhoria da qualidade, logo surgiriam tensões e dificuldades. Posto isto, a auto-avaliação, na sua fase inicial, deve assentar em procedimentos simples e selectivos, como refere Oliveira e colaboradores (2006) trabalhando informações de que a escola dispõe, nomeadamente sobre os alunos, o seu meio social, as características do sucesso escolar, a qualidade do atendimento nos serviços da escola ou a eficácia dos apoios complementares, etc., recorrendo a estatísticas internas, análise documental, inquéritos e entrevistas. Tem sido esta a filosofia da equipa de auto-avaliação que, orientada pelo “amigo crítico”, começou por fazer uma avaliação diagnostica promovendo sessões de reflexão envolvendo toda a comunidade educativa, professores, pais/encarregados de educação, alunos e pessoal não docente. Identificados os pontos fortes do Agrupamento e as debilidades era necessário construir um quadro referencial amplo que abrangesse os aspectos relevantes da escola, ou seja o objecto a avaliar.

Mas referencializar a avaliação porquê? Segundo Figari (1996, p. 177), é um modo de garantir que a avaliação seja uma “construção para a qual os actores contribuíram” ou ainda, segundo o PAR “assegurar que a avaliação seja um processo transpa-

rente, fundamentado e rigoroso”. Ora, depois de todos os elementos da equipa reunirem decidiu-se começar por avaliar o sucesso académico, a organização e gestão, nomeadamente a sub-área concepção, planeamento e desenvolvimento do plano anual de actividades e neste momento prepara o referencial do desenvolvimento curricular. Através deste processo de referencialização tem sido possível fazer uma leitura da realidade escolar dado que o mesmo explica e organiza, de um modo simplificado, a realidade para que se possa compreender e, conseqüentemente, conhecer, recorrendo-se às referências criteriosamente mais adequadas ao contexto, nomeadamente o projecto educativo do agrupamento.

Ao nível dos departamentos/grupos disciplinares, aos poucos começam a surgir algumas mudanças de atitude na medida em que se começa a denotar uma certa cultura de reflexão. O mesmo se verifica nas reuniões de Conselho Pedagógico

Tenho em crer que será, neste contexto, que o Agrupamento desenvolverá o seu projecto de auto-avaliação que irá permitir a prestação de contas, decorrente da maior responsabilidade inerente à sua actual autonomia e ao mesmo tempo, o desenvolvimento de aprendizagens significativas que proporcionem as soluções mais adequadas e criativas à resolução dos problemas emergentes, tendo como intuito proporcionar a melhoria das aprendizagens dos alunos.

#### Referências

- Oliveira, P. G., Clímaco, M. C., Carravilla, M. A., Sarrico, C., Azevedo, J. M., & Oliveira, J. F. (2006). Relatório final da actividade do Grupo de Trabalho para Avaliação das Escolas. Lisboa: Ministério da Educação.
- Figari, G. (1996). Avaliar: Que Referencial?. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora.
- Guerra, M. S. (2002). Entre bastidores, o lado oculto da organização escolar. Coleção Perspectivas Actuais. Porto: Edições ASA.

## Uma perspectiva sobre o PAR

*Natália Cunha, educadora*

**I**ncio esta reflexão fazendo minhas as palavras de um elemento da Equipa PAR do nosso Agrupamento que, no dia 4 de Março, dizia a dado momento da sua intervenção: “...integrei a equipa com o comboio já em andamento...”; ao que eu acrescento: - Até ao momento, sou o “último passageiro”!

Confesso que todo este processo tem sido uma revelação para mim...

Nos primeiros tempos, senti-me perdida: referenciais, referentes, referidos, induzidos, construídos e por aí fora... deixavam-me desorientada e com uma vontade desmesurada de saltar!

Com a ajuda dos colegas da equipa e com algumas leituras que me sugeriram, comecei a confundir menos as palavras difíceis que enumerei no parágrafo anterior. Pegar na teoria, aplicá-la e reflecti-la na prática, fez-me perceber melhor a dinâmica de todo o processo.

Já se tornou lugar-comum entre a comunidade docente ouvir desabafos como: “Agora, os professores passam mais tempo com papelada do que com os alunos”. Não pretendo argumentar a favor ou contra o mesmo, pois não foi a isso que me propus com o tema desta reflexão! No entanto, confesso, a primeira reacção ao trabalho acrescentado que o projecto exige, foi: - Mais?

É um facto que se a escola é avaliada, deve ser primeiramente capaz de se auto-avaliar; ou seja, cada comunidade educativa deve ser capaz de se auto-analisar. Adoptando uma linguagem mais sugestiva porque apela ao paladar, poderia dizer-se que cada comunidade educativa é responsável por elaborar as

suas receitas e harmonizar os ingredientes...que o Projecto em causa não fornece receitas já prontas e tão-pouco os ingredientes ou modo de confecção (talvez pistas/partilha de experiências?)... Somos nós quem deve elaborar e receitas!

Então, o que é que este Projecto já me proporcionou?

Despertou-me para as oportunidades que a recolha de informação sobre a nossa realidade e a sua interpretação pelos diferentes actores, proporciona em termos de partilha de experiências, de saberes e crescimento profissional e pessoal.

Fez-me acreditar que a partilha e discussão de estilos de trabalho, pontos de vista e resultados diversos, geram consensos que podem fazer a diferença entre uma escola sem ambição e uma escola responsável, dinâmica e inovadora.

Tal como no filme “The Polar Express”, quero ACREDITAR!

94



*Estudar o Meio local: visitar a Calçada Romana e (re)criar conhecimento. Um bom exemplo de como os temas patrimoniais e ambientais podem ser explorados na escola. (Centro Escolar de Caramos)*

## SimSafety: jovens aprendem comportamentos seguros na Web, em espaço virtual

*Luís Valente, professor e investigador TIC*

**S**imSafety, nome abreviado para “*Flight Simulator*” for *Internet Safety*, é um projecto europeu realizado no âmbito do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida (*Long Life Learning*) para a criação de um ambiente mais seguro para navegação na Internet através da criação de nós de sensibilização nacional, envolvendo nesta altura nove países: Grécia, Chipre, Portugal, Roménia, Finlândia, Hungria, Bélgica, Itália e Alemanha. O projecto aborda questões de segurança na Internet com o objectivo de ajudar a compreender mais profundamente os riscos de segurança e as medidas e acções cautelares que é necessário adoptar, principalmente dentro da escola e no ambiente familiar.

Para concretizar este objectivo foi desenvolvido um Ambiente Virtual Online apoiando-se em cenários de jogos com *role-playing* em tempo real, na dinâmica de grupos de utilizadores em linha e na exposição a "armadilhas" de segurança (penalizadoras).

Nesta fase de evolução do SimSafety, está a ser desenvolvido um estudo-piloto simulando situações na Web onde os utilizadores (crianças/professores/família) deverão desenvolver competências para reconhecer as armadilhas da Internet e saber lidar



*Mundo virtual do projecto SimSafety*  
<http://www.simsafety.eu>

com elas.

Os destinatários são o grupo-alvo de alunos com idades entre os nove e os onze anos, em conjunto com os seus pais e professores

A fase de pilotagem decorre já em vários países, em duas ou três escolas por país, envolvendo um ou dois grupos de alunos e familiares. Em Portugal, o projecto está a ser realizado no Agrupamento Dr. Leonardo Coimbra, Centro Escolar da Lixa e no Agrupamento de Escolas do Cávado.

Para participar, foram seleccionados alguns alunos e respectivos familiares a quem foi fornecido o software de ligação ao ambiente virtual criado para o SimSafety, baseando-se na metáfora e na tecnologia do *Second Life*. Os primeiros passos consistem na obtenção de contas de utilizador, por se tratar de um ambiente totalmente controlado e seguro, e no reconhecimento do ambiente virtual, associado às ferramentas de exploração e de navegação.

Este tipo de projectos, que estudam como melhorar as condições de utilização segura da Internet, fazem todo o sentido no nosso contexto, uma vez que a utilização da Internet é muito popular entre as crianças e jovens e a investigação indica que a utilização não supervisionada da Internet apresenta perigos para as crianças e para as suas famílias.

A Internet tem estas facetas paradoxais de, ao mesmo tempo, ser uma excelente ferramenta de democratização, equalização e aproximação entre níveis sócio-culturais, mas também ampliar o risco de excluir os menos preparados.

Não obstante, a Internet, enquanto rede comunicacional, tem desempenhado um papel relevante na evolução da sociedade actual ainda que a muitos de nós tenha passado, lamentavelmente, despercebida.

A Internet representa a face mais visível de uma nova revolução cultural, social e de relacionamento entre pessoas e entre os povos que devemos aprender a dominar quanto antes!

## Nota final

Luís Valente, coordenador do Jornal Escolar “O Mocho”

O conjunto de artigos que se apresentam nesta revista escolar é fruto do trabalho e envolvimento de diferentes elementos da comunidade.

Muitos temas foram anteriormente abordados, de uma forma mais ligeira, na edição em linha do Jornal Escolar (<http://omocho.wordpress.com>), outros foram propositadamente escritos para esta publicação. Mas todos resultam do trabalho que se faz fora das horas de ofício, com grande dedicação e com o intuito de mostrar que uma Escola não é apenas feita de materiais inanimados.

Em alguns casos, sobressai a coragem dos seus autores ao abrirem as portas do seu pensamento e das suas práticas ao escrutínio de uma sociedade crítica mas pouco reconhecedora, noutros casos abrem-se portas de esperança a um futuro mais participativo, mas em todos os casos, a intenção final é sempre a de perpetuar um ano de vida escolar que é irrepetível.

É, por isso, gratificante terminar mais uma edição com uma colecção tão diversificada de contributos, tanto na sua forma como na sua qualidade e objectivo, mas é ainda pouco para o que poderíamos conseguir com um pouquinho mais de empenho colectivo...

Apesar da insistência da equipa d’O Mocho, inúmeras áreas de conhecimento e de actividade do Agrupamento e da sua envolvência comunitária, não estão aqui representadas porque não fomos capazes de *mexer* com as consciências dos actores-chave para que nos trouxessem os seus contributos, tal como há alguma *verdura* em muitos dos textos que publicamos, mas é a caminhar que se faz o caminho. Ir mais além é, por isso, o meu repto.

## Quem fez “O Mocho”?

Ana Isabel Magalhães é docente de Geografia na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra e membro da equipa do Jornal Escolar.

Ana Luís, 4 anos, é aluna do Jardim-de-infância de Vila cova da Lixa, sala Amarela.

Anabela Borges é professora do Grupo 300 (Português e Latim). Lecciona desde 1994 e actualmente desempenha o cargo de professora bibliotecária. Nas “poucas” horas livres divide o tempo com a família, a leitura, a escrita e a pintura (com pouco se faz muito).

André Dias, Carina Teixeira, Inês Pereira, Mariana Coelho, Maria Rita Carvalho, Susana Gomes e Susana Patrícia, são alunos da EB1JI de Caramos

Arlete Sampaio, frequenta a Licenciatura em Solicitadoria.

Beatriz, 4 anos, é aluna do Jardim-de-infância de Vila Cova da Lixa, sala Amarela.

Bianca Nogueira é aluna do 6.º ano na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa

Brígida Pinto é professora do Ensino Básico na variante de Português-Francês. Lecciona desde 1991. Actualmente é coordenadora da Biblioteca da EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra. Gosta de cozinhar e passear com a família.

Bruna Daniela é aluna da EB1JI de Caramos.

Bruna Daniela, Francisca, Tiago e Letícia, são alunos da EB1JI de Caramos

Bruno José, Bruno Filipe e Sara, são alunos da EB1JI de Caramos.

Bruno, 5 anos, é aluno do Jardim-de-infância de Vila cova da Lixa, sala Amarela.

Cândida Silveira nasceu em Amarante, é professora do 1.º Ciclo. Licenciou-se em Educação na área de Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores pela Escola Superior de Fafe. Publicou a obra “O Erro Ortográfico e o Errar: Expressões Diferenciadas no 1.º Ciclo”

Carina Teixeira é aluna do 5.º ano na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa.

Carla Coelho, é aluno do 6.º ano na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa.

Carlos Costa é professor e escultor. Lecciona na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra e leccionou a disciplina de Escultura na Universidade Sénior Ocupacional da Lixa (U.SOL).

Clarisse Teixeira é licenciada em Ensino Básico 1.º Ciclo. Tem 24 anos de serviço e lecciona actualmente no Centro Escolar da Lixa. Foi bolsista na Educação de Adultos entre 1983 e 1986. Participou em diversos projectos promovidos pelo Instituto de Promoção Ambiental (Mil Escolas, Eco Escolas e “Sabientar”).

Cláudia Abreu é natural de Guimarães e residente em Amarante. Tem o curso de Educadores de Infância da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (1995) e o Curso de Estudos Superiores Especializados em Metodologia em Educação de Infância da Universidade do Minho. Tem quinze anos de serviço docente.

Cláudia Ferreira é aluno do 9.º ano na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa.

Cláudia Santos é professora do grupo 600, lecciona Educação Visual na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra. Licenciou-se em Design de Comunicação Visual pela Escola Superior de Arte e Design, em Matosinhos.

Deolinda Ribeiro tem o curso de Educadores de Infância da Escola Superior de Educação de Fafe e o Complemento de Formação Científica e Pedagógica para Educadoras de Infância no domínio de especialização em Educação para a Primeira Infância. Exerce no Jardim-de-Infância de Caramos.

Deolinda Silva é educadora de infância pela Escola Superior de Educação João de Deus. Em 2001 fez o Complemento de Formação em Orientação Educativa na Es-

cola Superior de Fafe. É titular do Grupo Vermelho no Jardim-de-Infância de Vila Cova da Lixa.

Diogo, 5 anos, é aluno do Jardim-de-infância de Vila cova da Lixa, sala Amarela.

Elsa Guimarães é Encarregada de Educação do Dinis Guimarães, de 3 anos, aluno do Jardim-de-infância de Vila Cova da Lixa. É enfermeira, técnica de qualidade e auditadora de um Hospital Central da zona Norte.

Emília Ribeiro tem o curso do Magistério Primário, é licenciada em Matemática e Ciências da Natureza, Mestre em Ciências da Educação - Supervisão Pedagógica no Ensino das Ciências da Natureza. Possui pós-graduação em Orientação Educativa, Administração Educacional e Avaliação Educacional. Actualmente é Assessora da Direcção do Agrupamento Dr. Leonardo Coimbra onde lecciona desde 1998.

Ermelinda Macedo Costa é licenciada em Ensino Básico 1.º Ciclo. Tem 33 anos de serviço e exerce no Centro Escolar da Lixa. Foi professora do Ensino Básico Mediatizado (Telescola) durante 20 anos. Participou em vários projectos relacionados com a problemática ambiental, como o Eco-Escolas, Tinteirinho, Sabientar e Mil Escolas.

Fátima Canas Ribeiro é educadora de infância em exercício no ensino especial. Apoia alunos com NEE no Centro Escolar de Pinheiro, Centro Escolar de Caramos e num domicílio.

Filipa Fonseca é aluna do 3.º ano na EB1 de Boavista, Vila Cova da Lixa.

Flávia, 4 anos, é aluna do Jardim-de-infância de Vila cova da Lixa, sala Amarela.

Hélder Carvalho é aluno do 8.º ano na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa.

Inês Maciel, 5 anos, é aluna do Jardim-de-infância de Pereiras, Macieira da Lixa.

Inês Pereira é aluna do 5.º ano na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa.

Jorge Sampaio é licenciado em ciências históricas e Mestre em arqueologia. Desempenha funções de Arqueólogo no Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Lara Teixeira é aluna do 2.º ano no Centro Escolar da Lixa.

Lara Fabiana, 5 anos, é aluna do Jardim-de-infância de Vila cova da Lixa, sala Amarela.

Laura Maduro é educadora de infância no Jardim-de-Infância de Vila Cova da Lixa, Sala Azul.

Libânia, é aluna do 5.º ano na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa.

Liliana Teixeira é aluna do 8.º ano na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa.

Luís Valente nasceu em Amarante em 1962, é investigador do CIED da Universidade do Minho, onde obteve pós-graduação em Administração Escolar, se especializou em Tecnologia Educativa e prepara o doutoramento em Estudos da Criança. É docente do Quadro do Agrupamento e consultor para as TIC no Centro de Competência da Universidade do Minho.

Lurdes Ferreira é educadora de infância, licenciada pela Escola de Educadoras Paula Frassinetti e especializada pela Escola Superior de Educação do Porto na área Mental/Motora. Exerce funções docentes há cinco anos no Agrupamento Dr. Leonardo Coimbra da Lixa onde é titular do grupo da Sala Amarela no Jardim-de-Infância de Vila Cova da Lixa.

Manuel Magalhães é licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1984), tem o curso de Habilitação Pedagógica Complementar da Universidade Católica do Porto (1986). É sub-director do Agrupamento de Escolas Dr. Leonardo Coimbra, Lixa.

Manuela Sousa é professora do 1.º Ciclo do Quadro do Agrupamento. Fez a sua formação inicial na Escola do Magistério Primário de Penafiel. É licenciada pela Universidade Aberta e especializada na Área de Organização e Desenvolvimento Curricular pela Universidade do Minho..

Marta Araújo é aluna do 4.º Ano no Centro Escolar da Lixa.

Natália Cunha, formada pelo Magistério Primário de Guimarães, é educadora de infância do Quadro do Agrupamento de Escolas. A sua grande paixão são as Crianças. “O Príncipezinho”, “O Profeta” e “Orgulho e Preconceito” são livros dos quais continua a retirar lições para a vida. Gosta de ouvir Rui Veloso, António Variações e Deolinda.

Nuno Cardoso é aluno do 9.º ano na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa.

Nuno Freitas, professor do 1º ciclo pela Escola do Magistério do Porto, CESE em Animação Cultural de Escolas, Mestre em Educação e Doutorando em Teoria e História da Educação e Pedagogia Social na Universidade de Santiago de Compostela. Colaborou em vários jornais, foi Delegado e Dirigente Sindical, fundador da Associação de Voluntários Aposentados e membro de várias associações Recreativas, Humanitárias e Científicas.

Olga Ferreira é licenciada em educação pré-escolar. Exerce funções docentes neste Agrupamento, no Jardim-de-infância de Pereiras, Macieira da Lixa, há catorze anos.

Paula Teixeira é aluna do 6.º ano na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa.

Paulo Manuel, 4 anos, é aluno do Jardim-de-infância de Vila cova da Lixa, sala Amarela.

Sandra Costa é natural de Macieira da Lixa. É educadora de infância e licenciada em Administração Escolar e Educacional. É educadora no Jardim-de-Infância de Pinheiro.

Sandra Macedo é aluna do 5.º ano na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa.

Sandra Pinto é natural de Amarante, Licenciada em Ensino da Educação Visual e Tecnológica, pela Escola Superior de Educação de Castelo Branco. É professora de Educação Visual e Tecnológica e de Área de Projecto na Escola 2/3 Dr. Leonardo Coimbra.

Sandra Teixeira é aluna do 4.º ano na EB1 da Serrinha. A disciplina de que mais gosta é Matemática. Estuda piano, mas a sua aspiração é ser pintora.

Sílvia Costa é aluna do 7.º ano na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa.

Susana Gomes é aluna do 5.º ano na EB2/3 Dr. Leonardo Coimbra, Lixa

Tatiana Ferreira é aluna do 4.º ano na EB1 da Serrinha. A sua disciplina preferida é Matemática. Quer ser médica.

**NOTA: Todos os textos são da responsabilidade dos respectivos autores, que conservam também o respectivo copyright, não vinculando a opinião da Direcção do Agrupamento nem da equipa coordenadora desta edição.**

Eu quero ser tudo:  
Arquitecta e aviadora,  
Actriz de cinema mudo,  
Médica ou domadora.

*Prémio Nacional de Poesia  
(Leia o poema na página 31)*



ANAISABELMAGALHÃESANALUÍSANABELA  
BORGESANDRÉDIASCARINATEIXEIRAINÊS  
PEREIRAMARIANACOELHOMARIARITACAR  
VALHOSUSANAGOMESSUSANAPATRÍCIAAR  
LETESAMPAIOBEATRIZBIANCANOQUEIRA  
BRÍGIDAPINTOBRUNADANIELAFRANCISCA  
TIAGOLETÍCIABRUNOJOSÉBRUNOFILIPESA  
RABRUNOCÂNDIDASILVEIRACARLACOELHO  
CARLOSCOSTACLARISSETEIXEIRACLÁUDIA  
ABREUCLÁUDIAFERREIRACLÁUDIASANTOS  
DEOLINDARIBEIRODEOLINDASILVAELSA  
GUIMARÃESEMÍLIARIBEIROERMELINDAMA  
CEDOCOSTAFÁTIMACANASRIBEIROFILIPA  
FONSECAFLÁVIAHÉLDERCARVALHOINÊS  
MACIELINÊSPEREIRAJORGESAMPAIO  
LILIANATEIXEIRALARALARAFABIANALAURA  
MADUROLUÍSVALENTELRDESFERREIRA  
MANUELMAGALHÃESMANUELASOUSAMAR  
TAARAÚJONATÁLIACUNHANUNOCARDOSO  
NUNOFREITASOLGAFERREIRAPAULATEIXEI  
RAPAULOMANUELSANDRACOSTASANDRA  
PINTOSANDRATEIXEIRASÍLVIACOSTATATIA  
NAFERREIRADIOGOLIBÂNIASOUSAANAISABEL  
MAGALHÃESANALUÍSANABELABORGESANDRÉ  
DIASCARINATEIXEIRAINÊSPEREIRAMARIANA  
COELHOMARIARITACARVALHOSUSANAGOMES  
SUSANAPATRÍCIAARLETESAMPAIOBEATRIZ  
BIANCANOQUEIRABRÍGIDAPINTOBRUNA  
DANIELAFRANCISCATIAGOLETÍCIABRUNOJOSÉ  
BRUNOFILIPESARABRUNOCÂNDIDASILVEIRA  
CARLACOELHOCARLOSCOSTACLARISSETEI  
XEIRACLÁUDIAABREUCLÁUDIAFERREIRA  
CLÁUDIASANTOSDEOLINDARIBEIRODEOLIN  
DASILVAELSAAGUIMARÃESEMÍLIARIBEIRO  
ERMELINDAMACEDOCOSTAFÁTIMACANASRI  
BEIROFILIPAFONSECAFLÁVIAHÉLDERCARVALHO  
INÊSMACIELINÊSPEREIRAJORGESAMPAIOLARA  
LARAFABIANALAURAMADUROLUÍSVALENTELR  
DESFERREIRAMANUELMAGALHÃESMANUE  
LASOUSAMARTAARAÚJONATÁLIACUNHANUNONUNOFR